

FEBRAP - FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICODRAMA
CASA DO ENCONTRO – ESPAÇO TERAPÊUTICO E DE FORMAÇÃO
EM PSICODRAMA DE FRANCA
FORMAÇÃO EM PSICODRAMA - NÍVEL 1

ANA CAROLINA DE FARIA MANIGLIA COMPARINI

**O DESENVOLVIMENTO DO PAPEL DE PSICODRAMATISTA:
EMPODERAMENTO DO SER COMO AGENTE CO-CRIADOR**

FRANCA / SP

2019

ANA CAROLINA DE FARIA MANIGLIA COMPARINI

**O DESENVOLVIMENTO DO PAPEL DE PSICODRAMATISTA:
EMPODERAMENTO DO SER COMO AGENTE CO-CRIADOR**

Trabalho de Conclusão de Curso de Formação em Psicodrama (Nível 1), da Casa Do Encontro – Espaço Terapêutico e de Formação em Psicodrama de Franca, apresentado à FEBRAP (Federação Brasileira de Psicodrama) para obtenção do título de Psicodramatista com foco psicoterápico.

Orientadora: Profa. Dra. Daniela de Figueiredo Ribeiro

E-mail: danifiribeiro@yahoo.com.br

FRANCA / SP

2019

ANA CAROLINA DE FARIA MANIGLIA COMPARINI

O DESENVOLVIMENTO DO PAPEL DE PSICODRAMATISTA: EMPODERAMENTO DO SER COMO AGENTE CO-CRIADOR

Trabalho de Conclusão de Curso de Formação em Psicodrama (Nível 1), da Casa Do Encontro – Espaço Terapêutico e de Formação em Psicodrama de Franca, apresentado à FEBRAP (Federação Brasileira de Psicodrama) para obtenção do título de Psicodramatista com foco psicoterápico.

Franca, 30 de junho de 2019.

Orientadora: _____

Nome: Profa. Dra. Daniela de Figueiredo Ribeiro

Instituição: Casa do Encontro - Espaço Terapêutico e Formação em Psicodrama de Franca

Examinador: _____

Nome: Prof. João Henrique Steffen

Instituição: Casa do Encontro - Espaço Terapêutico e Formação em Psicodrama de Franca

Examinador: _____

Nome: Prof. Dr. Jaime Henrique Guimarães Soares

Instituição: Casa do Encontro - Espaço Terapêutico e Formação em Psicodrama de Franca

Examinador: _____

Nome: Prof. Lúcio Guilherme Ferracini

Instituição: ABPS - Associação Brasileira de Psicodrama e Sociodrama

AGRADECIMENTOS

Dentre as pessoas que contribuíram para a realização desta formação e deste trabalho, agradeço:

- Ao meu marido e companheiro Jece, aos meus filhos Matheus e Mel, pela presença marcante e amorosa na minha vida, por me permitirem desempenhar um papel de esposa e mãe melhor a cada dia;

- Aos meus pais Antônio e Nadir, aos meus irmãos, cunhadas, cunhados, sobrinhos, sogra e sogro (*in memoriam*), que puderam compartilhar comigo as variadas transformações pelas quais passei nos últimos 3 anos;

- Aos integrantes do grupo de formação (Carmem, Elaine, Gabriela, Hyago, Laiane, Marília Gabriela, Marissa, Thais, Thaísa, Talita, Luciana e Raquel) com quem troquei experiências, muito vivi e aprendi;

- Aos egos auxiliares do grupo João e Angélica por se colocarem sempre à disposição para agir em prol de todo o grupo, com afeto e empatia, afim de garantir a melhor experiência a cada um;

- À nossa diretora do grupo Daniela de Figueiredo Ribeiro pela amizade, por me apoiar, orientar e estimular com muito carinho a assumir o papel de autora no meu processo de formação.

“Herdeiros de nós” (Banda Lucidez)

Vejo um novo horizonte,
Que se mostra apenas para quem
Consegue ter, olhos de ver...
Vejo um novo horizonte,
Uma outra chance para ser
Um outro ser, querer crescer...
Deixar de alimentar a culpa,
O medo de errar...
Andar sem para trás olhar,
Deixar o passado passar...
Somos atores no palco da vida,
Herdeiros de nós,
Memórias atadas por nós...
Somos o sopro de um novo tempo,
E a brisa do vento,
Me diz que não estamos sós...
Somos atores no palco da vida,
Herdeiros de nós,
Memórias atadas por nós...
Somos chegadas, somos partidas,
Entre idas e vindas,
Um rio, da nascente à foz...

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. A CIÊNCIA CONTEMPORÂNEA E A CONSERVA CULTURAL	10
2. ESPONTANEIDADE E CRIATIVIDADE	13
3. O SER HUMANO COMO UM SER DE RELAÇÃO	15
4. O PSICODRAMA COMO TRATAMENTO DAS RELAÇÕES	18
5. A ÉTICA PSICODRAMÁTICA	20
6. O AXIODRAMA COMO MÉTODO SOCIÁTRICO	22
7. OBJETIVOS DA PESQUISA	34
7.1. OBJETIVO GERAL	34
7.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	34
8. METODOLOGIA DA PESQUISA	34
8.1. O PROCESSAMENTO TEÓRICO-EXISTENCIAL	34
8.2. A VIVÊNCIA AXIODRAMÁTICA	35
8.2.1. <u>Participantes da vivência</u>	35
8.2.2. <u>Procedimentos da vivência</u>	36
8.2.3. <u>Aspectos éticos da vivência</u>	36
9. RESULTADOS: PROCESSAMENTO TEÓRICO-EXISTENCIAL - MINHA	
TRAJETÓRIA PERCORRIDA NO PSICODRAMA	38
9.1. ETAPA PRÉ-FORMAÇÃO DE PSICODRAMA	38
9.2. O GRUPO DE FORMAÇÃO EM PSICODRAMA – NÍVEL 1	39
9.2.1. <u>A Construção do Axiodrama</u>	47
9.2.2. <u>A Vivência Axiodramática “A maldade em crise”</u>	49
9.2.3. <u>Análise da Vivência Axiodramática</u>	54
9.3. ETAPA DE PRORROGAÇÃO DA FORMAÇÃO DE PSICODRAMA	59
CONCLUSÃO	61
REFERÊNCIAS	62

RESUMO

Na abordagem Moreniana, o homem está inserido num mundo ordenado pelas conservas culturais (valores e regras sociais como um produto acabado), com tendência a repetir inconscientemente de maneira compulsória suas experiências relacionais, num processo crescente de robotização e despojamento de espontaneidade e criatividade. A teoria grupal psicodramática criada por Moreno busca viabilizar a existência saudável, através da recuperação do poder de recriação do sujeito nas suas relações com o mundo, por meio do Encontro e da promoção de relações télicas, pela co-participação e co-responsabilidade. A presente escrita constitui a demonstração da apreensão dos conhecimentos acerca da teoria e prática do Psicodrama no papel de aprendiz, através da apresentação de um processamento teórico-existencial, contendo as percepções subjetivas da vivência grupal no processo de formação como psicodramatista e a descrição de uma experiência de direção grupal, com reflexões à luz da Teoria Moreniana, que salienta o contexto grupal como um espaço privilegiado para a construção de vínculos capazes de irromper transformações, produzir novos modos de subjetivação, promover uma recriação de si mesmo e do mundo, como um agente co-criador do universo.

Palavras chave: Psicodrama, relações grupais, produção de subjetividades, desenvolvimento humano, axiodrama.

ABSTRACT

In the approach of Moreno, the man is inserted in a world ordered by the cultural conserves (values and social rules as a finished product), with trend of repeating unconsciously and in a compulsory way his relationship experiences, in an increasing process of automation and stripping of spontaneity and creativity. A psychodramatic group theory created by Moreno seeks to make viable the healthy existence, through the subject's recreation power in its relationships with the world, by means of meeting and promoting of telic relationships, by the co-participation and co-responsibility. The current writing constitutes the demonstration of the knowledge apprehension regarding the theory and practice of the Psychodrama in the role of the apprentice, through the presentation of a theoretic-existential process, containing the subjective perceptions of group experience in the formation process as psychodramatist and the description of a group direction experience, with reflections to the light of the Moreniana theory, which emphasizes the group context as a space privileged to the link construction capable of introducing transformations, produce new subjectivity ways, promote a recreation of itself and the world, as a co-creator agent of the universe.

Keywords: Psychodrama, group relationships, subjectivity production, human development, axiodrama.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho constitui a etapa de conclusão de um ciclo de três anos de formação de psicodrama nível 1, como requisito para obtenção do título de Psicodramatista com foco psicoterápico. Este curso foi realizado na Casa do Encontro – Espaço Terapêutico e de Formação em Psicodrama de Franca, uma instituição filiada à FEBRAP (Federação Brasileira de Psicodrama).

No papel de aprendiz buscou-se demonstrar a apreensão dos conhecimentos acerca da teoria e prática do Psicodrama. As percepções subjetivas durante a vivência grupal de desenvolvimento do papel de psicodramatista, com reflexões à luz da Teoria Moreniana, compreenderam um saber vívido de forma existencial. De cunho qualitativa, a escrita foi realizada com o entendimento de que sua elaboração faz parte do processo formador e de integração deste novo papel.

Os seis capítulos iniciais constituem o referencial teórico que justifica a relevância do Psicodrama e a importância da psicoterapia de grupo como uma possibilidade de resposta transcendente aos problemas existenciais do homem conservado, neste novo milênio. Eles também servirão de embasamentos às reflexões sobre o processo de formação do psicodramatista que é o profissional que se ocupa do desenvolvimento desta prática que abarca o cuidado com o divino criador de cada Ser.

No primeiro capítulo será apresentado o tema *“A ciência contemporânea e a conserva cultural”*, uma reflexão sobre o ser humano, a produção de conhecimentos, o aprisionamento à conserva cultural e a emergência do paradigma da complexidade tendo o psicodrama um potencial transformador de um sistema adoecido, através do resgate da responsabilidade de cada ser com sua espontaneidade e criatividade.

O segundo capítulo trata dos conceitos morenianos de *“Espontaneidade e criatividade”*, salientando a importância do cuidado para produzir a recuperação da espontaneidade/criatividade e a revolução de padrões de comportamento estereotipados - as conservas culturais.

O capítulo três situa *“O ser humano como um ser de relação”*, ao descrever a constituição do homem de forma relacional, compartilhada através do vínculo, do encontro, e do valor da experiência de grupo como proposta de preservação e de recriação das condições humanizantes.

O capítulo quatro, reflete sobre “*O psicodrama como tratamento das relações*”, compreendendo como Moreno definiu o campo e o método psicodramático, como uma ferramenta de estudo e intervenção transformadora das relações sociais, que oferece condições à invenção de formas subjetivas não cristalizadas.

O quinto capítulo traz reflexões sobre “*A Ética Psicodramática*”, destacando a revolução criadora e o princípio ético de liberdade de ação para uma necessária transformação.

O Capítulo seis, busca reunir contribuições sobre “*O Axiodrama como Método Sociátrico*”, a fim de contemplar os objetivos deste trabalho relacionados a este tema.

No Capítulo sete serão apresentados os objetivos gerais e específicos da pesquisa, enquanto o capítulo sete corresponde aos itens sobre as especificações da metodologia da pesquisa.

Como resultados da investigação axiodramática das minhas percepções do processo formativo, será apresentado um “*Processamento teórico-existencial - minha trajetória percorrida no psicodrama*”, considerando a etapa da pré- formação de psicodrama, o grupo de formação em psicodrama – nível 1 e a apresentação da vivência axiodramática “a maldade em crise”, sendo esta última, uma demonstração da prática de direção com todas as etapas de uma vivência psicodramática: construção, condução (Apresentação da unidade funcional; Apresentação do grupo / quebra gelo; Aquecimento inespecífico; Aquecimento específico; Dramatização; Compartilhar; Encerramento) e análise da vivência.

A etapa de prorrogação da formação de psicodrama também foi abordada na sequência como a reta final do percurso da formação, dada a sua importância de recolher as pérolas produzidas ao longo de todo caminho.

Por fim, serão apresentadas as Conclusões e Referências.

1. A CIÊNCIA CONTEMPORÂNEA E A CONSERVA CULTURAL

O ser humano é ao mesmo tempo biológico, psíquico, afetivo, social, racional, enquanto a sociedade comporta dimensões (histórica, econômica, sociológica, religiosas), que formam um corpo de conhecimentos que é complexo. Entretanto, a ciência contemporânea que fragmenta e reduz o conhecimento nos obrigou a renunciar à pretensão de um saber universal, bem como do que é essencial, impedindo o tratamento correto dos problemas particulares, que só podem ser propostos e pensados em seu contexto. O enfraquecimento da percepção global conduz ao enfraquecimento da responsabilidade, assim como ao enfraquecimento da solidariedade, condição em que as pessoas não sentem mais os vínculos com seus semelhantes, e as relações se desenvolvem de forma superficial (MORIN, 2001).

Neste cenário de ilusão do conhecimento e perda do essencial, a vida acaba esvaziada de seu sentido, criando uma doença coletiva. A cultura impõe um conceito de normalidade, na qual as normas, conceitos, valores, estereótipos, hábitos de pensar e de agir são aprovados por consenso ou pela maioria em uma determinada sociedade, gerando sofrimento, doença e morte (MORIN, 2001).

Através da massificação, ocorre a produção de sujeitos-depósitos de informações habituados a não pensar, a não rever os conceitos e sua história. Quando os sujeitos são impedidos de refletir e agir sobre esse mundo, por necessitar ser aprovado por consenso, é produzida uma situação que inibe o que é essencial para uma transformação e os mantém num estado de conformismo e passividade, que corrobora com a adaptação ao mundo condicionado de forma serializada.

Santos (2003), especialista na área da educação, ao pensar o processo educativo sob a ótica do pensamento complexo, coloca o peso do senso comum no conservadorismo, que *“quando não questionado, legitima a estrutura social, tornando a auto-regulação da sociedade muito mais sólida que a capacidade de mudar, sonhar, inovar, criar”* (p.94). Entretanto, o sentido da educação e da produção de conhecimentos deve facilitar o “superar-se” como um resultado interno de dialogar com as ideias, com o conhecimento.

Tratando sobre a relação do indivíduo com a sociedade, Santos (2003) nos revela um paradoxo quando diz que: *“o sujeito se torna sujeito em razão de*

condicionamentos culturais e sociais” (p.105), e que a autonomia não existe sem as condições que subjagam o indivíduo. Estamos acostumados e temos sido educados para não inovar, não discordar, e assim, repetir o velho e conhecido e conservado. Diante destas circunstâncias, *“refletir autonomamente significa ter capacidades de fazer opções, posicionar-se e assumir as dependências internas e externas, retirando do meio, elementos para construir o mundo interno”* (p.106).

A conserva cultural é definida por Moreno (2012), como o produto final de um esforço criativo. Ele percebeu em seus estudos que a maioria das pessoas era despojada de espontaneidade e criatividade, por estar cercada de valores e regras sociais como um produto acabado - as “conservas culturais” (YOZO, 1997).

Moreno (2011), ressalta que a conserva cultural é uma mistura do material espontâneo criador moldado em uma forma permanente, o que desencadeia atos finalizados e supervalorização de obras perfeitas e acabadas, permitindo assegurar a continuidade de uma herança cultural ao se tornar uma categoria tranquilizadora.

Gonçalves et al (1988) define estas conservas como padrões de comportamentos estereotipados com valores e formas de participação na vida social que acarretam a automatização do ser humano.

A partir destas definições, podemos constatar que as conservas culturais devem ser o ponto de partida, mas não motivo de estagnação da criatividade. Determinadas culturas podem estar presas a essas conservas rígidas, criando um obstáculo à espontaneidade (GONÇALVES ET AL, 1988).

Pela descoberta das leis microscópicas que governam as relações humanas, constatou-se que o homem não é livre nem mesmo na própria casa e na sociedade que ele mesmo produziu (MORENO, 2012). Vemos assim, a inibição das potencialidades singulares dos indivíduos fazendo “secar” a fonte da criatividade e as possibilidades de emergir um novo que alimente o crescimento, a vida, através de um processo de transformação.

Fonseca (1988) aponta que a sociedade manipula as necessidades das pessoas e dos grupos de modo a valorizar o capital ao colocá-los a serviço da produção e consumo alienados de mercadorias. É uma sociedade em que se atinge o máximo de enriquecimento da espécie, da mesma forma que atinge o pico do empobrecimento do indivíduo. O fato de ter tudo segundo os critérios estabelecidos,

não faculta a humanização, sendo condição favorável à desumanização pela inviabilidade do processo de atualização humana. Este processo ocorre através da alienação e manipulação das necessidades efetivamente humanas, reduzindo-as e homogeneizando-as à necessidade de ter, à posse de mercadorias.

As instituições são um campo de extrema importância na formação da sociedade e do indivíduo, pois são espaços privilegiados de convivência social e construção de conhecimentos. Entretanto, elas são utilizadas para a produção de subjetividade, modelizando esquemas de conduta, de ação, de gestos, de pensamento, de sentido, de sentimentos, de afeto, de desejos, esvaziando o conhecimento da singularidade e aprisionando as mentalidades, de modo que não há vida/desejo nessa vida massificada/condicionada (GUATTARI; ROLNIK, 2005).

Este é um modo contemporâneo de definir com outro referencial e outra linguagem as conservas culturais que em nossos dias alcançaram tal nível de desenvolvimento e distribuição em massa, que se converteram num desafio e numa ameaça à sensibilidade das qualidades criadoras do homem. Importante se faz a renovação deste sistema gasto e antiquado de valores para um mais ajustado às emergências do nosso tempo por meio da criatividade (MORENO, 1992 a).

Notadamente, os fundamentos da ciência moderna passam a ser questionados e suas verdades absolutas e totalizadoras relativizadas. O paradigma da complexidade surge como uma tentativa de aproximação dos aspectos qualitativos, holísticos, dinâmicos e humanos da realidade. A filosofia moreniana, com sua visão cósmica de mundo e de homem, pode se situar neste novo paradigma de complexidade.

2. ESPONTANEIDADE E CRIATIVIDADE

A ideia fixa de Moreno que motivou todas as suas produções, proclamava que *“existe uma espécie de natureza primordial que é imortal e se renova a cada geração; um primeiro universo que contém todos os seres e no qual todos acontecimentos são sagrados”* (MORENO, 2012, p.22).

No teatro dos seus sonhos, os palcos seriam construídos pelos atores terapêuticos em meio à comunidade e o *si-mesmo* do ator deveria florescer pela espontaneidade (de livre vontade), como expansão de criatividade e poder (MORENO, 2012).

A espontaneidade é considerada a matriz de onde surge a criação. O estado de espontaneidade não é algo permanente, estabelecido ou rígido, mas sim fluente. Trata-se do estado de produção, o princípio essencial de toda experiência criativa. Este estado também não é preexistente, não surge automaticamente, tampouco criado pela vontade consciente e sim decorre de uma liberação, gerado por ato de vontade ou por própria decisão (MORENO, 2012).

Naffah Neto (1979), nos ilustra que a espontaneidade pode ser comparada a uma iluminação, como uma lâmpada que se acende e promove a distinção de tudo onde sua luz alcança, produzindo o momento no qual a “cegueira” causada por hábitos conservados, cede lugar a uma ampliação perceptiva do mundo circundante. O autor ainda define que ela consiste numa *“capacidade de se abrir perceptivamente através de uma ação de recuperação da relação de interioridade e de sentido que caracteriza a relação sujeito-mundo”* (p.48). Explica que quando uma transformação abrupta cega o sentido da situação, através da espontaneidade se alarga os horizontes espacial e temporal, buscando reconquistar através da ação, a continuidade de sentido do mundo que se transforma. Assim, a espontaneidade representa *“(...) reconquistar-se como parte integrante e atuante do mundo que se transforma; é fazer-se presença”* (p.48).

Moreno descobriu que a espontaneidade pode se tornar obsoleta se o indivíduo não cuidar do seu desenvolvimento, sendo esta passível de ser treinada, mas que exigia uma nova atitude em relação a cultura – uma revolução criadora¹, na

¹“A revolução criadora moreniana é a proposta de recuperação da espontaneidade e criatividade, através do rompimento com padrões de comportamento estereotipados, com valores e formas de participação na vida social que acarretam a automatização do ser humano (conservas culturais)” (GONÇALVES et al 1988).

qual o homem daria continuidade à criação do mundo por meio de uma nova dimensão da existência, inaugurando uma nova ideia de Deus – o Eu-Deus, vivida no tempo presente, na categoria dinâmica do momento, dentro de cada um (MORENO, 2012).

Moreno (2013) ressalta que se trata de uma guerra contra fantasmas. Exige ação de indivíduos isolados, de pequenos grupos e grandes massas, mas esta é uma guerra dentro de nós próprios, pois é dentro de cada ser, como uma obra do seu próprio livre arbítrio, que deve ser operada esta Revolução:

A maior, mais longa, mais difícil e mais singular das guerras empreendidas pelo homem durante sua trajetória faz soar seu chamado. [...]. Não é uma guerra contra a natureza, nem uma guerra contra outros animais, nem de uma raça humana, estado ou nação contra qualquer raça, estado ou nação. Tampouco é uma guerra de classe social contra outra classe social. É uma guerra do homem contra fantasmas [...] os maiores construtores de conforto e civilização. São eles a máquina, a conserva cultural, o robô (MORENO, 2013, p. 94)

Moreno vê o homem condenado a criar a cada momento, sendo patológica uma rotina repetitiva. Ele acredita que o pensamento, o sentimento e um pequeno gesto trazem uma centelha divina que pode se expandir em um clarão. Sendo o “papel” a unidade de condutas relacionais observáveis, *“a ação social de uma pessoa traduz o seu mundo interno, as funções psíquicas e as atitudes que lhe caracterizam, enfim, sua inserção no mundo e na vida”* (ALMEIDA, 2002, p. 72).

Neste sentido, o desenvolvimento de um papel constitui a expansão da curiosidade, da espontaneidade e criatividade. A expansão do ser ocorre em um processo que se dirige para a criação de si mesmo rumo ao desconhecido, livre do determinismo da conserva com fim previsível.

3. O SER HUMANO: UM SER DE RELAÇÃO

Na visão existencial-humanística, ao considerar as questões fundamentais da existência humana. Osório (2007) afirma que “[...] *estar no mundo (existir) é compartilhá-lo com os outros humanos [...] e o grupo é a matriz dessa experiência compartilhada*” (p. 41).

Moreno fala sobre a existência humana parafraseando Buber que diz: “*No princípio era relação*”, escreve que “*No começo foi o encontro*”, não havendo possibilidade do homem sozinho, pois sempre é o homem com o outro, sendo que cada papel² existente só tem plena concretização quando se vincula com o contra papel (FONSECA FILHO, 1980, p.5). Vemos, portanto, que o homem como individualidade não existe, pois ele só constitui sua humanidade quando se relaciona.

Para Moreno assim como Buber, o Encontro pressupõe num mesmo movimento, a capacidade de sair de si mesmo para poder descobrir o outro que é também uma condição para o próprio ser e autodescoberta. Assim, a descoberta de si mesmo ocorre por meio do outro, mas enquanto para Buber significa relação/experienciar o outro lado, para Moreno significa a inversão de perspectivas/ver com os olhos do outro (NAFFAH NETO, 1979).

O convite moreniano é uma espécie de convocação do homem para a experiência renovadora da convivência harmônica ou fora do cotidiano, é um apelo para a sensibilidade do próximo. É o convite para a vivência simultânea e “bi-empática” - télica (GONÇALVES et al, 1988).

Convite ao Encontro (MORENO)

Um encontro de dois: olhos nos olhos, face a face.
E quando estiveres próximo, eu arrancarei os teus olhos
E os colocarei no lugar dos meus,
E tu arrancarás os meus olhos e colocarás no lugar dos teus
Eu então o olharei com os teus olhos
E tu me olharás com os meus

O Encontro é definido por Moreno e Zerka Moreno (2006) como um fenômeno télico, tendo a reciprocidade (de atração, de rejeição, de excitação, de

² O “*papel é a unidade de condutas inter-relacionais observáveis, resultante de elementos constitutivos da singularidade do agente e de sua inserção na vida social*” (GONÇALVES et al, 1988, p. 68).

inibição, de indiferença, de distorção) como processo fundamental. O Encontro significa *“contato de corpos, confronto, oposição e combate, ver e perceber, tocar e interpenetrar-se, compartilhar e amar, comunicação de um com o outro de maneira primária e intuitiva, por meio de palavras, gestos, por meio de beijos e abraços”* (p. 41). Mas Moreno também ressalta que o Encontro não abarca só o amor, inclui relações hostis e de ameaça.

Além de uma relação emocional, o Encontro pode ser também o encontro profissional (médico/terapeuta - paciente, o contato intelectual (professor - aluno), ou ainda o contato científico (observador - sujeito). Trata-se do encontro em um nível intenso de comunicação, no qual os participantes estão presentes por desejo e escolha (MORENO, J.; MORENO, Z., 2006).

Nery (2003), ao focar a teoria do vínculo na afetividade afirma que: *“[...] Estamos nos encontrando nos vínculos que estabelecemos, no contato com o outro, no exercício de nossos papéis, nos dramas da vida”* (p. 15) e que tudo em nossas experiências está permeado pela afetividade, como marcas afetivas que dão vitalidade, sentido e colorido às nossas ações e nossos vínculos, de modo que nos revelamos e nos estruturamos por meio da ação que se constitui do desempenho de papéis ligados ao “eu”, como atores no palco da existência. Assim nossa personalidade está relacionada à cultura, ao contexto e ao momento em que vivemos, pois só existimos nas relações. Então, existir é co-existir.

Outro esclarecimento relevante é que *“...um papel é uma experiência interpessoal e necessita, usualmente de dois ou mais indivíduos para ser realizado”* (MORENO, 2013, p.238). Assim, todo sujeito vê a si mesmo numa variada gama de papéis e vê os outros que o cercam numa grande variedade de contra-papéis em sua função complementar.

A partir deste esclarecimento vemos que o ser se desenvolve com suas experiências. No modelo teórico psicodramático, a teoria dos papéis evidencia uma ‘placenta’ social (contexto sócio-histórico) na qual no estabelecemos, de modo que não existe um ‘eu’ fora de um papel, tampouco um papel sem contra-papel.

Nery (2003) define vínculo como o resultado do fenômeno tele que viabiliza a complementaridade de papeis sociais.

Numa perspectiva contextual sociométrica, o vínculo pode assumir uma configuração de aproximação, afastamento ou indiferença. Nestas escolhas estão

implicados os fenômenos intersíquicos denominados de Tele³, Transferência⁴, Co-consciente e Co-inconsciente⁵.

Já no século XX, Moreno afirmou que no princípio era o grupo, no fim, o indivíduo. Atualmente, na chamada pós-modernidade, está sendo crescente o interesse pelas abordagens de grupo, diante da atual crise de paradigmas tradicionais e individualizantes. O paradigma da complexidade, emerge valorizando o princípio da causalidade complexa, do pensamento dialógico, da autonomia, da integração e da não-dicotomização, da singularização, da diversidade, da renovação dos saberes (RAMALHO, 2011).

³ A **Tele** (do grego: distante, influência à distância) é a capacidade de se perceber de forma objetiva o que ocorre nas situações e o que se passa entre as pessoas, sem distorcer seus aspectos essenciais. É a mútua percepção interna entre dois indivíduos, onde se pode sentir e conhecer a situação real do outro (GONGALVES et al,1988).

⁴ A **Transferência** é o fenômeno oposto à tele, causada pelo desenvolvimento de fantasias em relação ao outro, pela distorção da percepção íntima ou do fluxo de sentimentos. Nesta forma de relacionamento o Encontro não é possível (Ibid.).

⁵ Estados **Co-conscientes e Co-inconscientes** são “aqueles que os participantes experimentam e produzem conjuntamente e só podem ser representados em conjunto” (Ibid.).

4. O PSICODRAMA COMO TRATAMENTO DAS RELAÇÕES

Pioneiro na psicoterapia de grupo, Jacob Levy Moreno, pai do Psicodrama, antes de se formar em medicina em Viena no ano de 1913, desenvolveu experiências grupais com prostitutas, observando que cada participante poderia se tornar um agente terapêutico para o grupo, e que um grupo tinha consistência, estrutura e dinâmicas específicas. Posteriormente, num campo de refugiados de guerra, estudou o desenvolvimento de escolhas espontâneas na formação de grupos e subgrupos, além dos fenômenos de tensão coletiva (RAMALHO, 2011).

Moreno criou e definiu um projeto socionômico com o objetivo de estudar e intervir na transformação das relações sociais, demarcando as múltiplas possibilidades dos sujeitos humanos. Isto amplia o conceito de saúde e qualidade das relações, partindo do princípio de que é nos vínculos sociais que tudo acontece, através da co-participação ativa, da troca (RAMALHO, 2011).

O pai do Psicodrama combateu o excesso de racionalismo, privilegiando o afeto e a ação espontânea para o “enfrentamento” como uma das vias para o encontro existencial, a fim de clarear a visibilidade do co-consciente e do co-inconsciente que emergem nas configurações grupais móveis, nos movimentos sociodinâmicos dos grupos (RAMALHO, 2011).

Através da ação, na co-criação, Moreno parte do princípio filosófico existencial de que a maior loucura está na massificação ou a escravidão às conservas culturais (RAMALHO, 2011).

O homem contemporâneo cria pouco e repete muito, o indivíduo é um produto serializado das instituições. Esta situação é a manifestação da anti-criação, como um aprisionamento subjetivo aos estereótipos do eu numa identidade fixa, cristalizada, submetida às conservas culturais. Trata-se de uma neurose na qual o encontro existencial não é possível (MOURA, 2007 apud RAMALHO, 2011).

O Psicodrama se ocupa do desenvolvimento de novos papéis e/ou do desempenho novo de velhos papéis, através da conscientização e diversificação de desempenho de papéis, evitando a repetição cega do corpo cristalizado, conservado, alienado de si e de seus vínculos. Também, ele não se concentra no indivíduo, e sim neste em relação com seus vínculos, num determinado contexto sócio histórico. Assim, ele promove a saúde quando oferece condições ao sujeito de

chegar à rematização co-criativa, a uma maior auto-crítica e à invenção de formas subjetivas não usuais e não cristalizadas, capazes de transformar a si mesmos e aos outros (MOURA, 2007 apud RAMALHO, 2011).

A situação psicodramática permite serem trabalhadas questões psíquicas e sociais, através da recuperação do poder de recriação do sujeito, que estará experimentando novos papéis e recriando os antigos. (RAMALHO, 2011).

A autora salienta que nesta concepção, todos no grupo são agentes terapêuticos, e todo o grupo também o pode ser em relação a outro grupo. Diferente do que se encontrava na época em que o terapeuta seria o detentor do saber, o agente promotor da cura, no Psicodrama este poder é compartilhado por todos. Semelhante colocação é feita por Almeida (2002):

[...] Moreno desmistificou o papel do terapeuta para colocar ênfase na participação de cada elemento do grupo, cada um servindo como instrumento de diagnóstico, bem como o de agente terapêutico, atribuindo-se a todos a função agregadora, operativa e de eficiência simbólica da cura (ALMEIDA, 2002, p.67).

Para Moreno, diante de uma realidade sempre mutável e que nos exige constantes improvisações, a resposta espontânea saudável deverá ser a manutenção desse potencial de mudança e transformação - o potencial criativo - fundamental para a saúde. Este deverá ser sempre uma co-criação, pois é este caráter conjunto que confere a adequação à realidade. O adoecimento do sujeito, no que diz respeito aos aspectos psicológicos, é resultado de um adoecimento da espontaneidade e da criatividade, que ocasionam o adoecimento do papel, em função das imposições sociais de funções, ou papéis. Sendo assim, se faz primordial para uma existência saudável, apoiar-se nessas conservas, mas transpor os seus limites para apresentar uma resposta original com espontaneidade. (RAMALHO, 2011).

5. A ÉTICA PSICODRAMÁTICA

De acordo com Almeida (2002), a ética moreniana se constitui por uma tríplice formação do campo ético da práxis:

A raiz advinda de seu posicionamento messiânico, profético, fruto da intuição e da inspiração, não está atrelada às leis (religião), e sim à consciência pessoal de uma missão a ser cumprida (religiosidade). A intenção pode ser subversiva ao ficar acima das regras estabelecidas pela sociedade disciplinada e obediente: *“Até o mal será usado para o bem”* (p.70).

A raiz médica segue o eixo profissional na obediência aos códigos de ética da categoria com postura honrada e digna ao examinar, diagnosticar, tratar e curar, embora tenha construído uma relação menos hierarquizada com o paciente e uma escuta mais apurada.

Já a raiz advinda da ética do ato criador se funda pelo compromisso com uma escolha e se define pela lealdade com as expressões da espontaneidade e os jogos da criatividade. Esta ética aplicada aos psicodramatistas significa manter-se fiel ao discurso da revolução criadora, com firmeza e perseverança.

A ética psicodramática se chama revolução criadora. Através da co-existência, da co-ação e da co-experiência, a Sociatria trata os pequenos grupos sociais e toda a humanidade (ALMEIDA, 1991).

Também é notório o princípio ético de liberdade de ação para uma necessária transformação. Mas a ética psicodramática não se trata de um posicionamento conservado por uma fórmula ou hábito. Ela deve estar fundada no entusiasmo, na coragem, na emoção e na fé, para se constituir numa dinâmica espontânea e criadora, no exercício dialético (do bem e do mal, do instinto e da razão, do público e do privado, do individual e do coletivo, da inércia e da ação, do passado e do futuro, do consciente e do inconsciente), para resgatar a liberdade (ALMEIDA, 1991).

Discutir ética em Moreno é debater aspectos essenciais da ética das relações humanas, a ética do encontro, não desconhecendo o conflito permanente entre os sentimentos do bem e do mal e toda a dialética dos contraditórios (ALMEIDA, 2002, p.67).

Ao focalizarmos os aspectos éticos da filosofia e prática moreniana, reconhecemos em Moreno a busca do desenvolvimento de aspectos espirituais do

homem através das suas relações. Visto que estes aspectos se constituem de potencialidades e capacidades que não encontram relação com os bens materiais à venda no sistema mercadológico, mas envolve um cuidado afetuoso, com a valorização dos vínculos.

Ideias e emoções, tais como amor, caridade, piedade, simpatia, felicidade, alegria, êxtase, remorso, responsabilidade, liderança, dominação, subordinação, humildade, lealdade, tranquilidade e silêncio, todas essas categorias espirituais e psicológicas e muitas outras podem ser iniciadas, desenvolvidas ou treinadas com exercícios de espontaneidade (MORENO, 1992 a, pp. 181-182).

Podemos inferir que trabalhar as relações humanas é trabalhar a espiritualidade do ser no contato com o divino que fortalece a própria existência, na busca de um sentido pessoal para a vida individual e social. Através dos grupos as pessoas são capazes de amar, dar limites, fazer escolhas e se responsabilizar por si e pelo mundo, através dos múltiplos diálogos, da inversão de papéis e o reconhecimento do valor do momento e do outro. A partir disso, é possível reconhecer que o poder dos grupos é a chave para uma verdadeira revolução criadora.

Para Moreno (1992 a), não existem limites para a responsabilidade de cada ser, ela deve ir além da mera responsabilidade com a existência pessoal até alcançar a responsabilidade com o Todo, abandonando a ideia de uma existência desesperançada com massa perecível, para assumir o papel de um ser cósmico, um Eu-Deus co-criador.

Disso também podemos depreender que o psicodrama visa o despertar da espiritualidade com a responsabilidade e a consciência para singularização da existência, partindo do princípio ético de que o homem não existe apenas, mas pode buscar uma maneira de decidir o que será de sua existência.

O conceito de Deus enquanto conserva rígida foi o centro dos nossos sistemas de valores. *“Nosso sistema de propriedades e leis, nossos costumes e direitos, nossas relações de castas, nossas relações econômicas e políticas”* (p.29) se constituíram pela ideia que se têm de Deus. Deste modo, Moreno (1992 a) enfatiza que vivemos uma profunda crise em todos os valores, sendo de incalculável importância prática o esforço de reavaliação e reforma desses conceitos, e que *“Uma transformação verdadeiramente revolucionária, se quiser alterar todo o*

sistema de valores, deverá atacar primeiro este centro principal: o conceito de Deus” (p.29).

No mundo psicodramático, cada um pode representar sua versão de Deus através de seu desempenho e desta forma comunicar sua versão aos outros. Sendo assim, vemos “[...] *a responsabilidade sobre mim e sobre nós, o eu e o grupo*”. (MORENO, 2006, p. 34).

Sob a ótica psicodramática, o valor do momento deve ser ressaltado para que a experiência não se torne conserva rígida ou cristalização. As experiências vividas devem permitir a manifestação de algo transcendente, na qual o homem é responsável por suas escolhas - um agente co-criador. Ao existir, ele expande o ser, desvela sua liberdade e espontaneidade e se realiza pelas escolhas éticas de cada dia. Assim, reconhecemos no psicodrama sua contribuição para a espiritualidade do homem na contemporaneidade, pois busca uma existência autêntica e responsável por si mesma para desenvolver a própria espiritualidade.

Diante do exposto, se faz importante ressaltar que a ênfase no Eu-Deus moreniano só contempla o seu verdadeiro sentido quando se responsabiliza pelo outro e pelo mundo e esta visão explica as patologias da contemporaneidade com implicações da ética.

6. O AXIODRAMA COMO UM MÉTODO SOCIÁTRICO

Entre os psicodramatistas existem discussões sobre a subdivisão dos métodos de tratamento da sociedade - a Sociatria. Na classificação tradicional de Moreno, ele destaca Axiodrama (campo axiológico-religioso), Etnodrama (síntese de etnologia e Psicodrama), do universo de significação de "Sociodrama" (MEZHER, 2002).

Para Blatner (2008), a maneira como as pessoas pensam sobre seus papéis sociais e ideais culturais, afeta de maneira significativa os problemas individuais, mas os problemas são frequentes nos três níveis - o individual, o social e o cultural.

O Psicodrama reflete a dinâmica do indivíduo. Neste nível, é observado quais são seus relacionamentos com partes de si mesmo e com aqueles com os quais se tem as relações mais próximas, bem como as imagens ou expectativas que tem desses outros.

O Sociodrama aborda a dinâmica que pessoas em vários grupos, categorias ou funções sociais gerais têm em comum, aborda a profundidade dos papéis desempenhados nas relações sociais mais relevantes, considerando suas variadas definições, conflitos, expectativas e atitudes que acompanham. O objeto de análise no sociodrama pode envolver temas como por exemplo, o que tem status elevado e o que é fora de moda entre um círculo maior de pessoas.

O Axiodrama, no entanto, aborda questões um pouco mais abrangentes, mais altas no nível de abstração, talvez mais filosóficas, globais ou fundamentais. Por exemplo: - O que queremos dizer quando invocamos certos ideais?

Mezher (2002), aponta o Axiodrama como um semidesconhecido método sociátrico (latim "*sociu*" - refere-se ao outro, ao companheiro; do grego "*iatrós / iatrikos*", quer dizer médico, tratamento, remédio). Sociatria pode então ser entendida como terapêutica social. No Latim, "*axis*" tem o sentido de "eixo", mas proveniente do grego "*Axio*" parece encontrar mais relação com a criação moreniana, com o sentido de valor, dignidade e merecimento, e "*Drama*" (ação, obrigação que se cumpre, acontecimento trágico). No grego, a palavra método deriva de "*méta*" (mudança, transformação, além de), e "*odos*" significa caminho - caminho de transformação.

Para Moreno, o "conteúdo" original do Psicodrama é axiológico, visto que a transformação do homem, a oposição à robotização, à rotina intelectual, ao desamor e à destrutividade, constituem o campo de dedicação da ética de Moreno (ALMEIDA, 2002).

No livro 'As palavras do pai', Moreno (1992 a) esclarece que todo psicodrama que lida com o divino é um axiodrama que resulta em valores que guiam a ação, auxiliam nas escolhas, na conduta humana e assim o ser cria a realidade.

Almeida (2002) afirma que podemos entender como Moreno se embasou no seu percurso de desenvolvimento da ética psicodramática, através do estudo em suas obras dos valores estabelecidos (expectativas socioculturais), como *"compromisso com a vida, estímulo à espontaneidade e à criação, ao desejo individual, ao respeito às diferenças e à liberdade individual, conciliando esses valores com as exigências grupais"* (p.76).

Pierre Weill (2002), no prefácio da obra a 'Ética nos Grupos: contribuições do psicodrama', destaca a ética do psicodrama como uma ética da espontaneidade, colocando o amor e a compaixão em ação, num constante exercício de empatia (inversão de papéis), para estimular a expressão da verdade. Assim sendo, a ética moreniana se faz muito diferente da ética moralista pautada em um conjunto de normas e valores rígidos e conservados. Moreno criou o axiodrama para a expressão psicodramática dos valores, ou sobre a ética na prática do psicodrama.

Wilson Castelo de Almeida (2002), na apresentação desta mesma obra, ressalta o psicodrama como um novo paradigma enquanto modelo ético de intervenção nos grupos sociais. Fala da ética como práxis afastada da moral de valores idealizados (moralismo), como resposta espontânea e responsável (*spons* - 'de livre decisão'), como ação política dos indivíduos no 'aqui e agora' da convivência nos grupos sociais:

A ética nos grupos descarta a receita prévia de normas de conduta e cria condições para que o próprio grupo decida as razões de sua sobrevivência, construindo o seu caminho pela combinação do desejo individual com as práticas sociais (ALMEIDA, 2002, p. 11).

O Axiodrama recebeu de seu criador a primeira definição na sua obra "Quem sobreviverá?": *"trata da ativação dos valores religiosos, éticos e culturais na forma espontâneo-dramática"* (MORENO, 1992 b, p.33). Mas este conceito aparece

também em outras obras de Moreno como: *“uma síntese do Psicodrama e da ciência dos valores (axiologia); dramatiza as aspirações morais do psiquismo individual e coletivo (justiça, beleza, bondade, complexos, perfeição, eternidade, paz, etc.) ”* (MORENO, 1974, p. 114); ou mesmo *“uma síntese de significados axiológicos com o psicodrama. Trata de dramatizar verdades eternas, como a verdade, a justiça, a beleza, a graça, a piedade, a perfeição, a eternidade e a paz”* (MORENO, J.; MORENO, Z., 2006, p. 427), focalizando a ética e os valores universais.

Entretanto, apenas recentemente o axiodrama aparece destacado do sociodrama no meio psicodramático (congressos, instituições formadoras) por não ter sido identificado devidamente antes pelas suas características, mas supõe que o progressivo conhecimento e a prática, levarão a justa nomeação dos acontecimentos axiodramáticos (episódios, segmentos, atos socionômicos inteiros) que destacam da categoria de procedimentos axiodramáticos anunciados previamente. Aliás, no campo do psicodrama, o anúncio prévio de determinado procedimento (Psicodrama, Sociodrama ou Axiodrama) não garante seu acontecimento, entretanto, o autor acredita que *“hoje se possa ‘fazer acontecer’ axiodrama clássico e procedimentos axiodramáticos, tanto na interação social ou grupal como também mediante dramatizações, sob a égide do ‘como se fosse’, ou ‘como se estivesse’ ”* (MEZHER, 2002, p.98). Por outro lado, os procedimentos axiodramáticos são mais frequentes no cotidiano clínico, ocorrendo eventualmente na díade psicoterápica, no atendimento a casais, famílias e em processos psicoterápicos grupais mesmo sem uma convocação específica para essa prática (MEZHER, 2002).

Para Mezher (2002), axiodrama também é entendido como *“leitura ou procedimento axiodramático”* (p.98). O autor descreve a possibilidade de busca da verdade sobre acontecimentos usando a técnica psicodramática do espelho, recorrendo a um ego auxiliar para confirmar a veracidade da observação e conclusão, levando ao encontro de sentido e valor para a experiência e a consequente transformação existencial pela descoberta de uma verdade essencial. Assim, *“O homem pode-se fazer objeto de auto-observação, “vivencia-se”. Percebe-se como pessoa, como corpo, como alma. Observador participante do que lhe acontece, mantém-se como ator e assistente de suas cenas (...)”* (p. 100).

É escassa e esparsa a publicação de teoria e prática axiodramática, entretanto, diferentes psicodramatistas elegem definições para Axiodrama.

Para Marineau (1992), Moreno pensou no Axiodrama antes mesmo de pensar o Sociodrama e o Psicodrama, ele assinala em sua obra ‘Quem Sobreviverá?’, que concebeu o Axiodrama (1918) como primeiro passo para a elaboração do sociodrama (1921) e do psicodrama (1922-1924). O psicodrama tem “*ênfase no crescimento individual no grupo e pelo grupo*” (p.81). O sociodrama tem por finalidade “*explorar e resolver problemas que emergem entre membros de unidades menores, dentro de um grande grupo ou entre grupos*” (p.81). O axiodrama “*tem por finalidade purgar o indivíduo das conservas culturais e dos estereótipos*” (p.81).

Moreno publicou artigos axiodramáticos como por exemplos: ‘A divindade como comediante’ (Jornal Daimon, 1919), o do confronto do padre que é forçado a fazer um sermão na rua e do espectador que confrontou o ator no papel de Zaratustra no teatro, a fim de ilustrar este conceito (MARINEAU, 1992, p.165):

Axiodrama: dramatização baseada na exploração de valores ético-sociais e elaborados por Moreno como uma maneira de desfazer-se das conservas culturais. [...] A finalidade última do Axiodrama é forçar cada um, ator, diretor, escritor e mesmo o expectador, a deixar aparecer sua verdadeira ‘personalidade’, ao invés de escondê-la sob uma máscara ou um papel (MARINEAU, 1992, p.165).

Nestes artigos, Moreno queria acabar com os papéis artificiais que as pessoas desempenham como uma forma de tratar um problema social mais amplo. Assim, o axiodrama seria instrumento para abandonar velhos meios e criar uma nova sociedade, um novo mundo (MARINEAU, 1992).

Em Rodrigues (2008), o Axiodrama é um procedimento ou formato da sessão psicodramática pouco conhecido. Ele compõe uma categoria com: o Psicodrama, o Sociodrama, a Sessão Aberta de Psicoterapia Psicodramática, o Sociodrama Tematizado e a Comunidade em Cena. A autora baseia-se na origem da palavra derivada do latim “*áxon*” (eixo) para entender que o Axiodrama tem um tema ou assunto. “*Os psicodramatistas associam o axiodrama a intervenções relacionadas com temas éticos e valores sociais e culturais*” (p. 110).

Em termos de objetivos gerais, o Axiodrama alarga e vive a escolha dos valores e pressupõe a partida de uma base teórica para a prática; do plano do discurso para o plano da ação. De modo semelhante, o Axiodrama é definido por

Ramalho (2011), como método de transformação social. Por meio da experiência vivencial, ele desvela seus quadros de valores e promove mudanças nesses mesmos quadros.

Já na visão de Almeida (2012), a Axiologia é a ciência dos valores e dos merecimentos. Esses valores são dinâmicos e dialéticos. Quando nos referimos a um valor nos referimos também ao desvalor correspondente.

Os valores reproduzem as relações sociais no tempo e espaço, evoluindo de acordo com a história e a cultura. Considera que *“Na sociedade atual, os valores têm por finalidade preservar a vida, fazer justiça, permitir a sociabilidade, e procuram ajudar o homem a entender o sentido da vida, exorcizar a truculência, respeitar as diferenças e estimular a solidariedade”* (ALMEIDA, 2012, p.82).

Como categorias socioculturais, vemos que os valores ajudam o homem a encontrar o sentido da vida, mas em contrapartida, podemos observar que o homem convive com dificuldades de reconhecer e lidar com seu lado selvagem de competições, insatisfações, reivindicações e arbítrios em seu processo civilizatório de aquisição de merecimentos pela evolução do pensamento e da linguagem (ALMEIDA, 2012).

O autor lista alguns dos valores a serem trabalhados na humanidade:

Quadro 1: Categorias variadas de valores e temas atuais.

Valores utópicos	verdade, perfeição, ideal, transcendência (experiência do divino)
Valores/desvalores limites	aborto, eutanásia, incesto, pena de morte, uso de drogas, suicídio, pedofilia, prostituição infantil, guerra, fome, doença, loucura, dor, crueldade, tortura, vandalismo, atos hediondos
Valores virtuosos	coragem, justiça, temperança, prudência, fé, esperança, caridade, os dez mandamentos judaico-cristãos da lei de Deus, as antinomias dos sete pecados capitais (gula, avareza, preguiça, luxúria, cólera, inveja, orgulho)
Valores da sensibilidade	pureza, doçura, bom humor, bondade, boa-fé, perdão, amor, modéstia, simplicidade, humildade, benevolência
Valores da civilidade	direitos e deveres, disciplina, polidez, privacidade, vontade, entusiasmo, alegria, determinação, respeito ao próximo, sobriedade, dignidade, trabalho, perseverança, honestidade, generosidade, segredos
Valores/desvalores das relações humanas	tolerância, inveja, ciúme, solidão, timidez, vaidade, amizade, mentira, compaixão, lealdade, fidelidade, liderança, desprezo, piedade, gratidão, acolhimento, hipocrisia, ódio, ira, raiva, gentileza, ternura, bem-querer, simpatia, maledicência, arrogância, crença no próximo
Valores/desvalores ligados ao desejo	aspiração, intenções, cobiça, apetite, concupiscência, amor do que falta, presença, ausência, beleza, estética, perversões, paixão, transgressão
Valores políticos	filiação partidária, ideologia, rebeldia, cidadania, instituições, anarquia, democracia, capitalismo, socialismo, comunismo, (neo)liberalismo, fascismo, reforma agrária, conflitos, paz, concórdia, totalitarismo, liberdade, igualdade, fraternidade
Valores/desvalores religiosos	salvação, ateísmo, crença em Deus, noção de pecado, agnosticismo, oração, asceticismo, vender a alma ao diabo, ideia de “outra vida”, os variados credos religiosos, vida contemplativa, meditação

Valores nos temas atuais	clonagem, inseminação artificial, útero de aluguel, manipulação genética de seres vivos, manipulação social pela mídia, uso da sugestão na propaganda, controle de natalidade, explosão populacional, armas nucleares e lixo atômico, globalização e universalização, internacionalização ou colonização, armas biológicas, papel das elites culturais, desemprego, ceticismo x esperança, choque de civilizações, bolsões de miséria, confronto de raças e etnias, mundo virtual do computador, poderes paralelos (traficante, máfias, lobbies, etc.), compulsão à novidade, ecologia aculturada, excluídos da sociedade de consumo, novas desordens sociais, mito do sucesso pessoal, conflito pais-filhos, censura na internet, lixo cultural, progresso da ciência e dos valores, crença e mitos confortadores, seitas religiosas fanáticas, criatividade e espontaneidade, robotização (no sentido moreniano).
---------------------------------	---

(Fonte: Almeida, 2012, pp. 83-84)

Almeida (2012) situa a psicogênese dos valores estando relacionada à formação do ideal de ego e da consciência moral formuladora de juízos como uma das funções do superego na Teoria Freudiana. Já a sociogênese dos valores tem relação vivencial com o ocorrido na vida social, podendo dividir os valores em dois grandes grupos conforme apresentado abaixo:

Quadro 2: Divisão dos valores conforme relação social vivencial.

Valores das práticas sensíveis	Valores hedônicos (agradáveis, prazerosos)	hobbies, vestuário, comidas, bebidas, viagens, esporte, lazer, sensualidade, sexualidade, arte
	Valores vitais ou naturais (prazer e alegria de viver com a natureza e com o cosmo)	velhice e morte, força energia, saúde e intensidade do desejo
	Valores utilitários (refere-se aos bens materiais ou não)	desejo de ter, possuir, poder
Valores espirituais	Valores lógicos	saber, conteúdo do conhecimento, busca da verdade. - têm como desvalores: ignorância, erro, falta de interesse em conhecer a verdade
	Valores éticos (valor da consciência individual)	agir moralmente conciliando dever e vontade própria
	Valores jurídicos ou códigos de ética profissional	leis, regimentos, estatutos, regras de conduta
	Valores religiosos (de santidade)	numinoso (estado de alma inspirado pela divindade)
	Valores estéticos (do belo, do amoroso, do sublime e do trágico)	apreciação das aparências, julgamento e concepção do que pode ser visto, avaliado e admirado pela afeição ou esplendor, ou também pelo sinistro e funesto (piedade e horror)

(Fonte: Almeida, 2012, pp. 86-87)

A práxis moreniana representa uma teoria em ação e não em contemplação, representa “*uma forma moderna, dinâmica e ética para vivenciar, discutir, pensar e transformar os valores no hic et nunc do axiodrama*” (ALMEIDA, 2012 p. 82).

Axiodrama é a proposta moreniana para trabalhar dramaticamente os elementos da axiologia. Ao discorrer sobre as possibilidades axiodramáticas, faz questão de diferenciar Sociodrama de Axiodrama, considerando-os como paralelos e não derivados. Ele o divide em dois vértices: axiodrama e axiodrama tematizado e nos alerta sobre a necessidade de diferenciar os eventos axiodramáticos do enfoque psicológico/psiquiátrico decorrente da ligação dos valores com estados afetivos e mentais, com conflitos instintuais e pulsionais, com desempenho de papéis e com qualquer forma de comportamento, visto que as noções de valores permeiam qualquer dinâmica relacional, sendo natural encontrá-los no psicodrama e no sociodrama (ALMEIDA, 2012).

Aguiar e Tassinari (1999), se dedicaram ao estudo das terminologias do teatro espontâneo na tentativa de classificar os grupos de trabalho em sociodrama, psicodrama, psicodrama público e axiodrama, tendo o teatro espontâneo como procedimento básico psicodramático - o sociátrico. Trata-se do *“teatro no qual o enredo é improvisado e criado pelos atores, plateia e pelo diretor”* (p. 79).

Anibal Mezher (2002), ao falar da abordagem dos valores Ético-culturais pelo Axiodrama, explica que o diretor propõe uma experiência vivencial, se fazendo agente de transformação social ao lidar com valores ético-culturais dos participantes, desvelando valores antigos e atuais de modo a produzir mudanças na rotineira forma de estar no mundo.

O trabalho axiodramático propicia, mediante experiências de cunho vivencial, desde uma melhor consciência axiológica, até a resolução dramática de conflitos ético-culturais e consequentemente transformação da pessoa, que atinge um novo momento axiológico (MEZHER, 2002, p. 119).

Tecnicamente, o modo espontâneo criativo é almejado, utilizando todo o instrumental metodológico, teórico e socionômico:

A dramatização de um tema ou de uma situação é recurso principal no trabalho axiodramático. Nela se empregam todas as técnicas habituais nos outros atos socionômicos. A encenação de conflitos axiológicos manifestos explicita o confronto de valores e desvalores éticos, encarnados em personagens (MEZHER, 2002, p.120).

A ética no Psicodrama acompanha o próprio grupo e é co-construída, entretanto, os psicodramatistas precisam ter plena consciência do campo axiológico em que se encontram. *“Um dos requisitos indispensáveis para a realização de um*

procedimento axiodramático é que, ao menos, seu diretor mantenha-se em campo axiológico” (MEZHER, 2002, p.118).

Estrategicamente, Mezher (2002) diz que *“podemos identificar, promover revelações e trabalhar no ‘aqui-e-agora’, a dissociação entre pensamento, discurso e conduta dos participantes, no plano ético-existencial”* (p.119). O objetivo é produzir uma transformação axiológica. Para tanto, se faz necessário que a cena axiodramática vá ganhando complexidade até alcançar um foco mais amplo e compreensivo, com um novo juízo moral.

Para Blatner (2008), o Axiodrama é mais abstrato e amplo que o Psicodrama e o Sociodrama, pois discute influências e valores e chega à visão mais global de determinados temas. O autor cita alguns exemplos a serem explorados, como: Deus, religião (relacionamento com Deus), céu, justiça, diabo, inferno, força, fraqueza, maturidade, sabedoria, bondade, maldade, tolice, ignorância, amor, comestível, ser vivo, sentimentos sobre animais, plantas ou coisas “inanimadas”, democracia, liberdade, patriotismo, nobreza, honra, verdade, falsidade, realidade. E se, de fato, as pessoas realmente querem dizer coisas bem diferentes quando usam esses termos. *“Esses temas podem ser encenados e suas suposições subjacentes trazidas à consciência”*. Mas sem a ajuda, de um contexto de *“liberdade para rever essas questões em nossas próprias mentes”* e de um método para fazer uma revisão com a maturidade atual, tendemos a continuar a viver de acordo com uma *“ampla gama de atitudes que foram adquiridas na infância”*. O autor ainda distingue a adoção dos valores por herança dos pais ou como reações às atitudes dos pais, ou por reflexos da *“visão geral de mundo de sua etnia, tribo, vizinhança, época histórica e circunstâncias”*.

Blatner (2008), diz que o princípio psicológico e filosófico do axiodrama é embasado pelo fato de que muitas pessoas não pensaram sobre o que querem dizer com certas palavras. Elas viveram em grupos que parecem concordar com elas, mesmo porque muitas instituições (como as religiões, a escola...), parecem implicar que questionar o significado das palavras é subversivo, e este posicionamento inibe a investigação necessária sobre as bordas de como uma palavra está sendo usada. Em muitas ocasiões, *“as generalidades são insuficientes em si mesmas para resolver pontos de disputa mais delicados”*, e o Axiodrama explora a forma como uma rede social usa determinadas normas ou regras na vida

pessoal de quem a integra, e o quanto estas podem ter sido determinadas pela sociedade, sem a total clareza de quem as reproduz:

À medida que se explora uma questão de forma axiomática, a forma como isso se desenrola na própria rede social como norma, ou na vida pessoal, torna-se mais evidente. O ponto é identificar as atitudes subjacentes e ajudar a perceber que algumas dessas atitudes não são apenas uma neurose pessoal, mas podem representar uma norma social, um subgrupo da moda ou um absoluto cultural (BLATNER, 2002, sp.).

Por meio do Axiodrama, ficam expostas as condutas e as normas sociais de um grupo. A ruptura de determinadas influências e a maturidade de um grupo devem ser trabalhados de modo a ressignificar e rematizar esses aprendizados.

Uma questão fundamental para Blatner (2008), trata-se do ideal de preservar a diversidade e a identidade cultural. É problemático quando parte dessa identidade inclui elementos embasados em valores do passado e que estão fora de moda.

De fato, parece-me que todo background cultural é atado com pelo menos um terço e às vezes dois terços de superstições, preconceitos residuais, regras sutis, costumes e coisas semelhantes que interferem na adaptação às circunstâncias do mundo em mudança de hoje (BLATNER, 2008).

Assim, vemos que 'preservar a cultura' é um axioma que pode se tornar o tema de um axiodrama, pois *“existem alguns desses elementos que contêm alguma sabedoria, pois eles contrariam ou resistem aos elementos de papel mais tolos da cultura dominante pós-moderna”*. Por outro lado, também *“existem elementos que estão em desacordo com algumas das ideias mais sábias e inclusivas de nossa civilização em evolução”*. Portanto, se torna imperioso diferenciar o que é necessário ou não abandonar, de modo que *“não jogue fora o bebê proverbial com a água da banheira”* (BLATNER, 2002, sp.).

Blatner (2008), explicita a sua forma de aplicação do Axiodrama, salientando que ele é muito parecido com o sociodrama, entretanto, ele reflete valores e crenças. A ação leva do abstrato ou geral ao concreto ou específico, buscando um significado (o que realmente se quer dizer com o uso desta ou daquela palavra). O método consiste em dar corpo e voz a determinados valores e assumir os papéis destes, ajudando a ressignificá-los:

Um tema é identificado pelo grupo e personificado. Alguém assume o papel do valor. O grupo identifica um ou alguns valores opostos, e estes são ainda mais personificados, transformados em papéis que poderiam ser desempenhados. As pessoas que desempenham esses papéis começam a argumentar: "Força" fala por que é bom, necessário, virtuoso. A "fraqueza" fala e afirma por que a força às vezes é tola, como há ocasiões em que certos tipos de fraqueza precisam ser reconhecidos como, de fato, outro tipo de força (BLATNER, 2002, sp.).

O grupo pode reconhecer esse argumento dividindo a fraqueza do antagonista em dois ou mais papéis separados - sendo um tipo de fraqueza aparente mais inteligente, outro sendo uma forma mais tola ou covarde de fraqueza. Força também pode se dividir em sub-papéis, um tipo de força que todos podem concordar é sábio e virtuoso, e alguns outros tipos que não são tão virtuosos - de fato, algumas pretensões de força, algumas formas que são expressas podem dar a ilusão de virtude, mas realmente expressam maldade ou outro tipo de fraqueza (BLATNER, 2002, sp.).

Este processo de análise através da identificação de diferentes tipos, sub-tipos, todos são trazidos de novo e de novo em forma mais concreta, sendo levados a decretar cenas em que sua qualidade é manifesta. Esse movimento de abstrato ou geral para concreto ou específico é o mais importante (BLATNER, 2002, sp.).

Blatner (2002), observa que apesar das atitudes sobre o que é ou deveria ser apropriado serem baseadas em suposições culturais, arquetípicas... atualmente, as pessoas estão começando a reconhecer alguns pontos de conflito como diferentes pontos de vista e não apenas como expressões verdade ou erro.

Este autor ainda faz uma reflexão sobre a sobreposição das categorias da sociatria, considerando que:

Em todo psicodrama existem alguns elementos que são mais sociodramáticos em termos de qualidade. Em todo sociodrama há também os problemas de aplicar as questões que se abordam nas particularidades da vida dos membros do grupo, portanto, pode-se dizer que, em qualquer sociodrama, há também alguns psicodramas implícitos. Essa sobreposição pode se estender também ao axiodrama, porque, em um psicodrama pessoal, as questões envolvem algumas definições de papéis baseadas no temperamento pessoal, mesmo variáveis somato-psíquicas que são bastante singulares; mas também há outras definições de papéis que são mantidas em comum com um grupo de pares (BLATNER, 2002, sp.).

Na Revista Brasileira de Psicodrama (on-line), encontramos o artigo de Souza e Drummond (2017) sobre o 'Axiodrama na Organizações'. As autoras afirmam ter encontrado muitos trabalhos já realizados no campo organizacional e que importante se faz discutir e repensar os nossos próprios valores, antes de discutirmos valores de outras pessoas. Elas defendem o axiodrama nas organizações, ou grupos, como:

[...] todo trabalho de abordagem e metodologia psico e sociodramática que vise refletir os valores e os desvalores de uma organização, ou grupo, partindo do princípio de que o próprio grupo pode se perceber, se avaliar e se reavaliar com a ajuda dos diretores, que cuidam para que se mantenham em campo axiológico mais relaxado e claro, dando luz ao que o próprio grupo protagonizar (SOUZA; DRUMMOND, 2017, p.90).

Mezher (2002), descreve algumas técnicas específicas para a indução e instalação de campo axiológico (Técnica do lema pessoal; Técnica do estandarte; Técnica do dilema; Técnica da crença-duvida; Técnica da tribuna livre; Jogo dramático com ‘heróis’ e ‘vilões’ e jogo das histórias infantis). Entretanto, inúmeras outras podem ser usadas e/ou criadas de acordo com as necessidades e experiências dos psicodramatistas.

Sendo assim, podemos constatar que os psicodramatistas ainda tem muito a dizer sobre o axiodrama. Ainda é pouco frequente a discussão e reflexão das variáveis de um axiodrama e suas diferenças com relação ao sociodrama, fato que dificulta a sua justa nomeação.

Blatner 2002, defende a ideia de que o axiodrama permaneça dentro do método do sociodrama, mas com foco específico para os valores do grupo.

Como Mezher (2002), consideramos a importância da resolução deste dilema de seguir a classificação tradicional de Moreno que destaca axiodrama como uma categoria, ou classificá-lo como um tipo de sociodrama. Concordamos com este autor que é preferível a primeira opção, em conformidade com o título deste capítulo: *“O axiodrama como método sociátrico”*.

7. OBJETIVOS DA PESQUISA

7.1. OBJETIVO GERAL:

A presente escrita constitui a etapa de conclusão da formação de psicodrama nível 1. No papel de aprendiz buscou-se demonstrar a apreensão dos conhecimentos acerca da teoria e prática do Psicodrama, com o entendimento de que sua elaboração faz parte do processo formador e de integração deste novo papel.

7.1.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- a) Apresentar um processamento teórico-existencial da trajetória de desenvolvimento do papel de psicodramatista;
- b) Realizar, processar e analisar uma vivência de Axiodrama;
- c) Revelar o desempenho do papel de diretora durante o trabalho terapêutico de uma cena psicodramática de um eu privado, o que justifica a obtenção do título de psicodramatista com foco psicoterápico.
- d) Buscar definições e práticas de Axiodrama e repensá-las a partir da vivência realizada.

8. METODOLOGIA DA PESQUISA

Podemos distinguir neste trabalho a aplicação do Axiodrama enquanto um método de investigação de questões existenciais para a elaboração do processamento teórico-existencial da trajetória de desenvolvimento do papel de psicodramatista, no qual o pesquisador se faz objeto de seu estudo, e também como um formato de sessão desenvolvida ou um método sociátrico - a vivência.

8.1. O PROCESSAMENTO TEÓRICO-EXISTENCIAL:

A escrita de cunho qualitativo, foi realizada por meio de uma investigação axiodramática das experiências durante a convivência grupal no processo de formação como psicodramatista, que culminou em um processamento

teórico-existencial com reflexões à luz da Teoria Moreniana acerca das próprias percepções subjetivas, considerando o momento de terapia de grupo, o momento pedagógico de construção e ampliação de conhecimentos do Psicodrama, bem como a importante fase de experiência prática envolvendo a construção, condução e análise de uma vivência grupal.

Esta estratégia metodológica é corroborada por Mezher (2002) quando descreve o procedimento ou leitura axiodramática com uma possibilidade de busca da verdade, de encontro de sentido e valor para uma experiência vivida. Através da utilização da técnica psicodramática do espelho (com a participação de um ego auxiliar para confirmar a veracidade da observação e conclusão), o sujeito-pesquisador pode se fazer objeto de auto-observação. No papel de observador participante do que lhe acontece, ele se percebe como pessoa e pode desvelar sua própria transformação existencial.

8.2. A VIVÊNCIA AXIODRAMÁTICA:

O Axiodrama foi escolhido como método/procedimento ou formato da sessão psicodramática proposta pela formação. Esta vivência axiodramática foi idealizada e construída dramaticamente, a partir de questões existenciais com vistas à trajetória do Ser psicodramatista em busca de uma ação grupal, o que situa esta experiência de uso de métodos psicodramáticos como um ponto primordial na reflexão sobre a atuação psicodramática.

O Axiodrama, enquanto vivência, foca nos valores humanos universais, muitas vezes conservados de forma rígida e repetidos sem reflexão. Trata-se de uma oportunidade de explorar e trabalhar a conscientização dos valores e desvalores que guiam, influenciam os pensamentos, sentimentos, escolhas e atitudes de um indivíduo ou de um grupo social.

7.1.2. Participantes da vivência

O convite para a participação na vivência axiodramática foi aberto à comunidade ao ser divulgado por meio de redes sociais e contatos pessoais. As inscrições se deram na secretaria da instituição até completar as 10 vagas disponibilizadas. Além do diretor e do ego auxiliar, os participantes da vivência se constituíram de 5 participantes do grupo de formação (4 psicólogos e 1 do teatro),

sendo os demais, 3 da área da psicologia (1 profissional e 2 estudantes) e 2 simpatizantes do psicodrama através do vínculo de terapia bipessoal.

7.1.3. Procedimentos da vivência

A vivência axiodramática foi realizada na Casa do Encontro numa manhã de sábado (dia 20/11/2018), tendo duração de 3 horas, com seu início às 09:00h e seu término por volta das 12:00h.

A sessão foi precedida por café da manhã como parte da construção de um ambiente acolhedor. Os instrumentos (diretor, ego auxiliar, plateia, palco, seleção de músicas, contrato de sigilo) foram utilizados visando desenvolver as variadas técnicas em cada etapa do processo vivencial:

- 1) Apresentação da unidade funcional;
- 2) Apresentação do grupo / quebra gelo;
- 3) Aquecimento inespecífico;
- 4) Aquecimento específico;
- 5) Dramatização;
- 6) Compartilhar;
- 7) Encerramento e posterior processamento e análise.

A vivência se desenvolveu a partir do contexto social. O aquecimento inespecífico direcionou a atenção do grupo para uma tarefa conjunta, construindo as bases do contexto grupal. Com o aquecimento específico, o grupo se preparou para o trabalho na realidade suplementar, culminando na dramatização no contexto dramático.

Também contamos com a presença de nossa diretora da formação para o momento de apresentação da instituição e da unidade funcional, bem como a contextualização das vivências no processo de formação, como oportunidade de experimentação do papel de diretor e ego-auxiliar. Outro objetivo das vivências foi de proporcionar um convite ao encontro aberto à comunidade, como meio de divulgação viva do Psicodrama.

7.1.4. Aspectos éticos da vivência

Conforme as disposições da resolução número 466/2012 do Ministério da Saúde sobre pesquisas envolvendo seres humanos, visa assegurar os direitos e

deveres que dizem respeito aos participantes da pesquisa, à comunidade científica e ao Estado, sob a ótica do indivíduo e das coletividades, referências da bioética (autonomia, não maleficência, beneficência, justiça, equidade e outros).

Além do contrato de sigilo próprio de qualquer vivência grupal e a preservação das identidades com nomes fictícios, o pesquisador se responsabilizou pela integridade e bem-estar dos participantes da vivência, tratando-os com dignidade, respeitando-os em sua autonomia e defendendo-os em sua vulnerabilidade para garantir que os danos previsíveis fossem evitados, observando sempre a relevância social da pesquisa em termos dos benefícios e vantagens para a sociedade.

9. RESULTADOS: PROCESSAMENTO TEÓRICO-EXISTENCIAL - MINHA TRAJETÓRIA PERCORRIDA NO PSICODRAMA

O meu processo de desenvolvimento do papel de psicodramatista foi investigado pela exploração dos valores que influenciaram na convivência grupal. A escolha por uma escrita a partir da experiência se constitui de um discurso encarnando uma prática ética coerente com ele - um Axiodrama, me considerando ser a protagonista de minha história, da minha vida, da construção do meu Ser.

9.1. ETAPA PRÉ-FORMAÇÃO DE PSICODRAMA

Meu primeiro contato com o psicodrama foi durante a graduação em psicologia. Como aluna e/ou estagiária, vivenciei diversificadas experiências psicodramáticas teóricas e práticas nos campos da psicologia: psicologia escolar, psicologia institucional, psicologia organizacional, disciplina de teorias e técnicas de grupo, bem como na própria disciplina de psicodrama. As oficinas psicodramáticas tematizadas e visitas às instituições psiquiátricas (Hospital Psiquiátrico de Casa Branca e CAPS Maria Boneca - Uberaba) representaram modelos de cuidados alternativos construídos a partir desta abordagem. No decorrer do último ano da graduação tive oportunidade de me dedicar especialmente à área clínica (psicodrama bi-pessoal) com supervisão psicodramática e até mesmo utilizar o Psicodrama na pesquisa de conclusão do curso (TCC). Este contato gradual ao longo de 5 anos representou uma sequência de encontros. Fui reconhecendo aos poucos uma forma de estar no mundo que combinava com o meu Ser, com a minha singularidade.

Após minha formatura (2013) fui encorajada pela professora/supervisora (Daniela de Figueiredo Ribeiro) a escrever um artigo para divulgação deste trabalho (TCC) na Revista da FEBRAP, ocasião que me manteve ligada a abordagem moreniana juntamente com a supervisão psicodramática do meu trabalho na área clínica. Esta relação de supervisão perdurou por mais de 2 anos, sendo transformada pelo início oficial da minha formação em Psicodrama nível 1 (primeiro semestre de 2016).

Escolher por uma formação vivencial em grupo foi um desafio da minha principal fragilidade - meu calcanhar de Aquiles. Sempre considerei a convivência nos grupos muito difícil e às vezes, até evitada. Eu sempre me sentia

mais confortável nas relações bi-pessoais.

Além de ver muito sentido na abordagem moreniana, minha motivação foi marcada especialmente por uma intervenção grupal psiodramática (jogo dramático) com mulheres de uma comunidade, por mim realizada durante o curso de Psicologia. Os resultados desta intervenção foram pesquisados e foi constatado que o grupo desenvolveu momentos de flexibilidade, liberdade, poder e criatividade, sendo capaz de agir liberado de sentimentos de resignação e impotência; o brincar se mostrou eficaz para resgatar a espontaneidade que é primordial para uma existência saudável, além de produzir significativos aprendizados, principalmente relacionados ao autoconhecimento, percepção de atitudes e sentimentos. O grupo teve efeito positivo na vida das mulheres através da conquista de vínculos de amizade, de mudança de posicionamento frente à vida e produção de novas subjetividades. Ampliaram os modos de mediação de situações, de redes sociais, compartilharam conhecimentos, rompendo padrões anteriores. Como conclusão da efetividade dessa proposta, observou-se que ela envolveu e capturou a entrega das participantes ao fluxo de espontaneidade proposto, expresso na relação com elas mesmas, na relação com as demais participantes, com seus organismos, propiciando-lhes saúde e bem-estar, e também na inserção em seus átomos sociais, produzindo desenvolvimento social (COMPARINI et al, 2015).

9.2. O GRUPO DE FORMAÇÃO EM PSICODRAMA – NÍVEL 1

Esta formação se iniciou na única instituição de formação existente na cidade de Franca, sob a reponsabilidade de uma nova diretora - a pessoa e profissional que me apresentou o Psicodrama e sempre esteve presente me inspirando com seus conhecimentos e especialmente com seu exemplo, a trilhar neste caminho.

A conclusão deste nível 1 da Formação (primeiro semestre de 2019) me levou a escrever este trabalho, me debruçando sobre a trajetória já percorrida neste campo de experiência, principalmente relacionada à minha vivência como membro do grupo de formação. Passo a relatar esta experiência nos parágrafos que se seguem.

Ao me plantar de forma dramática e simbólica neste grupo, me vi como uma roseira solitária no alto de uma montanha com uma vista privilegiada para a

amplidão da paisagem até o longínquo horizonte de encontro da terra com o céu. Pessoalmente, tinha produzido algumas rosas belas a exalar seu perfume essencial, mas também reconhecia diversos botões esperançosos de desabrochar e a presença de numerosos espinhos afiados como defesa a qualquer espécie de agressão.

Durante a etapa da apresentação da minha autobiografia, pude refletir sobre a minha placenta social ou minha matriz de identidade⁶, meu átomo social⁷, bem como todos os grupos pelos quais passei ao longo da minha vida. Me desenvolvi como a 5ª filha de uma família patriarcal, cujo poder se distribuía de maneira hierárquica privilegiando sempre os mais velhos. Apesar de conquistar ainda na infância a independência com relação as coisas práticas da minha vida, neste período, eu me via vitimada pela injustiça na relação com os irmãos (fratria), fazendo predominar no meu ser o sentimento de menos valia, com conseqüente insegurança, baixa autoestima e reações defensivas de sobrevivência. Ao processar a vivência da autobiografia passei a compreender mais sobre meus valores, sentimentos e comportamentos, o que representou o início de importantes transformações pessoais que resultaram na valorização das relações do presente e no desejo de conviver nos grupos de forma mais saudável e menos constrangida.

De fato, a minha presença no grupo de formação foi marcada desde o início por um inexplicável desconforto - fator que deixava minha espontaneidade prejudicada. Inicialmente, eu me relacionava de forma defensiva, como uma espécie de vigília inconsciente constante, como se tivesse que lutar contra qualquer situação de injustiça detectada em relação a qualquer um do grupo. Durante o nosso primeiro ano da formação, não demorou muito para eu me tornar consciente dessa minha necessidade de proteger e defender – o meu papel de “sentinela”.

Esta percepção ocorreu durante meu envolvimento em um conflito sociométrico na unidade funcional abrangendo a proprietária da instituição de

⁶A Matriz de identidade é o primeiro grupo social na vida do ser humano (NERY, 2003). É o lugar do nascimento (*locus nascendi*) e envolve as pessoas de maior proximidade afetiva da criança que nasce dentro de um meio social. Moreno a definiu também como placenta social por estabelecer a comunicação entre a criança e o sistema social da mãe, abrangendo aos poucos, os que são próximos dela. A partir dela, se constitui na história do indivíduo a base psicológica para todos desempenhos de papéis (GONÇALVES et al, 1988).

⁷Para Moreno átomo social é a configuração social das relações interpessoais que se desenvolvem a partir do nascimento (Ibid.). “O átomo social é o núcleo de todos os indivíduos com quem uma pessoa está relacionada emocionalmente ou que, ao mesmo tempo, estão relacionados com ela (Pode ser considerado o alcance tele de um indivíduo (MORENO, 2013, p. 239).

ensino, que não pertencia ao nosso grupo, mas que de alguma forma se fazia presente constantemente no “ambiente” de cada sessão. Percebi concretamente sua rejeição ao presenciar ela dizer com ironia, que o grupo “N” era muito grande e que precisava cuidar para o “Navio” não afundar. Assim eu percebia que ela representava uma forte Resistência⁸ à existência da nossa formação.

A partir de então, pude compreender melhor a complexidade do conflito que eu no papel de sentinela/guardiã no grupo intuía, e por não saber dos fatos históricos, não entendia. De fato, a minha expectativa pelo nascimento de uma nova geração de formação exigiu um período de paciência e luta para inaugurar um novo caminho, construído a partir de uma matriz de identidade do Psicodrama em Franca, mais também de liberdade de alcançar uma transcendência sobre o papel de autoridade do semeador.

Reconheço que esta rematrização eu havia realizado recentemente na minha relação com meu pai, que da minha família era o semeador. Passei a reconhecer nele um vínculo mais saudável e importante a minha singularização como agente co-criador.

Com esta experiência de transcendência vivida, passei a desempenhar um papel ativo em parceria de nossa diretora, uma semeadora de psicodrama, que com sabedoria e humildade, ensinava que a germinação da semente devia ser com originalidade. Portanto, o meu papel não foi de uma espera passiva, um esperar. Vivi durante mais de 2 anos, uma fase de intensa atividade, incentivo e apoio à concretização da nossa formação, mais relacionado ao verbo esperar. Lembro que minha primeira palavra no grupo foi “esperança”.

Tendo elaborado esta experiência vivida, pude entender que a minha permanência neste papel no início do grupo não favorecia a boa convivência. Foi um alívio poder transformar este papel cristalizado pesado, me livrando desta responsabilidade de defesa, eu passei a me despir da minha “armadura”.

No cotidiano dos encontros semanais, frequentemente, eu ainda sofria por me sentir incompreendida, inconveniente e até mesmo rejeitada. De fato, a rejeição foi um tema protagônico recorrente, inclusive do próprio grupo.

⁸ A resistência neste caso se refere a relação interpessoal e corresponde ao impedimento de reconhecer aspectos próprios, que cada um atribui ao outro e que frequentemente se apresenta como uma atitude transferencial avessa ao encontro e consequente superação dos conflitos (GONÇALVES et al, 1988).

Apesar de todos os esforços e negociações no sentido de manter o Psicodrama de Franca reunido no mesmo ninho, nossa formação teve sua espontaneidade e criatividade ameaçada e então, nos tornamos dissidentes. Adquirimos asas e transformamos nossa embarcação em um “Avião”. Decolamos em busca de um *locus* mais propício à saúde da nova geração de formação de psicodramatistas que nosso grupo “A”, representava como *status nascendi*. Nos mudamos para a Casa do Encontro – uma instituição criada especialmente para nos acolher.

Neste novo ambiente acolhedor, senti muita alegria e gratidão. Com o clima de cuidados nos mínimos detalhes, eu tive renovadas minha esperança e crença no grupo. Mas isto não representou o fim do meu desafio, pois eu ainda sentia muita dificuldade de pertencer ao grupo, mesmo estando sempre presente e aberta ao Encontro. O grupo viveu momentos de maior liberdade, mas também de muita resistência e tristeza até a cicatrização das feridas causadas pelo rompimento.

Foi diante do cancelamento de um encontro de quarta-feira por causa de um jogo do Brasil na Copa de 2018, que ficou clara a minha expectativa cristalizada em relação ao grupo. Fiquei muito frustrada. Este sentimento negativo me levou a perceber necessidades sombrias (não ser injustiçada, contrariada ou rejeitada) que me aprisionam numa espécie de ilusão, mas também me mostraram o quanto ainda era preciso “Me curar de mim”. Outra conquista interior profunda foi que apesar de sentir o grupo desagregado, o sentimento de pertencimento me levou a contar com ele especialmente neste dia, movida por uma necessidade de re-união, conciliação, responsabilização, alinhamento em uma expectativa comum de valorização do grupo.

Para entender melhor os valores, as escolhas, condutas e expectativas da convivência nos grupos, recorri à teoria sobre a ética psicodramática, que ressalta que a ética individual coloca os deveres pessoais pautando o comportamento do indivíduo, enquanto a ética do grupo se constitui pela mutualidade (expectativa comum), de modo que a liberdade do indivíduo e a exigência grupal terá sempre que encontrar caminhos conciliadores. No “juramento do grupo”, seus participantes seriam levados “*a compreender sua responsabilidade para com os sentimentos do outro, a cuidar da relação entre os companheiros, (...)*”,

seriam sensibilizados a externar uma conduta leal e honrosa de cada um para com todos” (Almeida, 1991, p.72).

Fazer terapia em grupo não é nada fácil, pois demanda muita maturidade e persistência. Em contrapartida, aos poucos passei a habitar a profundidade dos papéis, a compreender e transformar estes aspectos conservados sofríveis da convivência (definições, conflitos, expectativas e atitudes).

Na metade deste processo eu me perguntei: Por que sou tão sensível à rejeição? Percebi que também tenho medo de sofrer rejeição e este sentimento de prisão se faz contrário “A liberdade como caminho para Ser”. Por outro lado, reconheci que através de uma abertura, livre de defesas, o poder do meu amor, da minha dedicação e gratidão. Neste ponto do processo, a minha expectativa de reciprocidade passou a ser um problema observado e por meio dele foi possível encontrar uma solução.

Após este episódio, iniciamos um novo ciclo na formação a partir das vivências que seriam dirigidas por cada membro do grupo, tendo como ego-auxiliar outro membro de sua escolha. Através da exploração da sociometria do grupo, conseguimos definir as duplas de diretor e ego-auxiliar que comporia cada unidade funcional de modo que todos pudessem desempenhar ambos os papéis. Cada vivência foi construída e processada durante os momentos pedagógicos anterior e posterior a sua realização.

A minha estreia no papel de ego-auxiliar de uma vivência sociodramática foi uma “realização⁹”. Ao alcançar pelo aquecimento um campo relaxado para a ação, eu me vi rompendo a minha resistência de atuar em momentos de tensão. Foi uma etapa importante no processo de formação de psicodrama, visto que no contexto grupal comunitário exerço esse papel há 7 anos sem dificuldade ou restrição.

Outro momento importante foi uma vivência dirigida por uma colega do grupo, cujo tema foi: *“Que vida eu desejo habitar? Qual a verdade do meu Ser?”* Esta vivência despertou em mim uma série de reflexões desde o início da sua construção. *“Sonhei que as pessoas eram boas em um mundo de amor, e acordei neste mundo marginal” (Chimarrutis)*. Ao olhar para o mundo exterior, vejo um

⁹ O termo realização foi usado pela lembrança da minha palavra final na vivência, representando o tornar realidade esta ação neste papel de ego-auxiliar, dentro da formação em Psicodrama.

mundo que ainda é doente e em crise, com uma conserva cultural que predomina a competição e a rivalidade, e assim, nos clama por gestos de amor... começando pelo respeito à singularidade e evolução de cada ser, culminando na aquisição da empatia e consequente atitude de afeto, solidariedade e cooperação entre os irmãos.

O desejo de habitar um mundo melhor, me faz sentir “remando contra uma maré” de pessimismo e impotência, mas também me cria um propósito. Consciente de minhas patológicas expectativas, me livre da ilusão de mundo ideal, de um grupo coeso ou um ambiente perfeito. Passei a considerar o grupo como especial, o lugar ideal para uma experiência de autocuidado e aprendizados profundos para conviver melhor em grupos. Compreendi exatamente a mensagem de Jesus *“eu não vim trazer a paz, mas a espada”*, nos convidando a lutar contra nosso lado opositor (diabólico) buscando uma reforma íntima para alcançar a paz. A frase de Gandhi na parede do nosso teatro, me apontou neste momento um caminho de ética e de transformação: “Seja a mudança que você quer ver no mundo”.

Me senti na responsabilidade de lutar pela libertação do sofrimento, saindo do meio circunscrito do meu ego, buscando a expansão do meu Self. A partir da libertação do sentimento de revolta e da crítica ao social como justificativa para a acomodação, me candidatei a uma revolução da consciência, declarando guerra contra meu ego para me descondicionar do papel de “justiceira”.

Passei a desempenhar um novo papel, com a tarefa de me desiludir e me tornar o que realmente sou – um ser peregrino que tem sede de justiça. Foi um processo de legitimação de um novo olhar, como marco de um caminho de reconhecimento da divindade dentro de mim e ao meu redor. Parti em busca da ação para o desbloqueio do sagrado que se manifesta a partir de um “nós”, com verdade, autenticidade e espontaneidade.

Moreno iluminou e me empoderou com o papel de co-construtora do mundo e me convidou a iniciar uma revolução criadora.

Durante um dos nossos “momentos pedagógicos” da formação, foi proposta uma escrita espontânea, e então, falando deste poder e responsabilidade, escrevi em forma de refrão:

“Abençoada Jornada”

Presente! Estou aqui!
Aceito o convite para a liberdade de existir
Com meu modo de Ser singular
Desejo compartilhar e construir
Sendo útil a Deus - colaborar.

Sim, sou um Ser cósmico único
Com um papel a desempenhar
Mas também procuro no próximo
Minha solidão curar.

Aceito o convite ao Encontro
Como amor e entusiasmo - alegrar
É com muita esperança e coragem
Que recarrego o meu caminhar.

Sim, sou sonhadora de um mundo melhor
É este trabalho que busco realizar
Com muita fé eu escolho
De estrela poder brincar.

Ao longo do percurso de auto percepção na experiência de grupo alcancei profundas transformações abrangendo os variados papéis desempenhados na minha vida (esposa, mãe, filha, irmã, amiga, profissional). Como participante do grupo de formação também não foi diferente, mas foi o de maior resistência.

A percepção da expectativa que eu criava em relação ao nosso grupo, vivendo sob a ótica psicodramática, foi a mais resistente no meu processo de desilusão. Eu tinha uma forte esperança de viver naquele cantinho, um “mundo melhor” e isso me ocasionou muita frustração. Eu não aceitava a ideia de que um grupo terapêutico pudesse ser tão sofrido. Vivemos vários conflitos sociométricos, repletos de transferência impedindo o fenômeno tele, como forças de oposição e de resistência à harmonia e coesão grupal.

Quando estudei nas teorias da Psicologia que os grupos de psicoterapia possuem um contexto com “proposta de preservação e de recriação das condições humanizantes”, ou mesmo que seria “através de uma atitude de valorização, com o cuidado afetuoso e comprometido em suas relações que o homem poderia despertar a consciência para singularização da existência”, penso que a minha visão positiva não me permitiu a atenção para as dificuldades do processo grupal. Ou seja, é através do Encontro que se forma um “nós”, que expressa o estar junto, uma reunião, contato de corpos, ver e observar, tocar, sentir, participar e amar, compreender, conhecer intuitivamente através do silêncio ou do movimento, da palavra ou do gesto, colocar-se no lugar do outro. Mas implica

também em relações verdadeiras que podem ser hostis e ameaçadoras, opor-se a alguém, contrariar, brigar (MORENO, 1975, apud RAMALHO, 2011).

Pude constatar que sofri, pois ainda tinha importantes lições a serem aprendidas. Entendi um caminho de possibilidade de viver minha melhor versão, aceitando as experiências como elas são. A ocasião de provação foi o processo de preparação e condução da minha vivência - O Axiodrama: “A Maldade em Crise”, que requereu da minha parte aceitar para superar tudo que eu vinha percebendo em mim como dificuldades e capacidades/potencialidades, o desequilíbrio que estava afetando minha espontaneidade e criatividade:

- Resistência à ação (insegurança e falta de autoconfiança) X vontade de expressão do que acredito e desejo;
- Dificuldade de aceitação (ilusão, frustração e rejeição) X prática da empatia e compreensão;
- Necessidade de agir do meu modo (rigidez e controle) X aceitação do papel de co-construção;
- Dificuldade de contrariar pessoas do meu afeto (necessidade de aceitação) X experiência de vínculo saudável/verdadeiro.

De fato, este complexo contraditório resultava frequentemente numa reação espontaneísta¹⁰, me constrangendo em alguns momentos, me tornando defensiva em outros. Em meio a estas percepções confusas, fui processando sobre vários fatos passados e sobre o valor de cada coisa. Me lembrei até da Dani (diretora) dizer que eu não estava aceitando-a como minha terapeuta. Hoje avalio este vínculo como ainda mais saudável/verdadeiro, menos condicionado pelo atendimento às expectativas ou a um padrão de ideal.

Livre destas condições penso que posso ser mais espontânea. De fato, fui me permitindo cada vez mais viver esta liberdade em todos os meus vínculos e também comigo mesma, ciente que faço o meu melhor, com fé que o ideal que parte do meu coração me serve de bússola a nortear meus próximos passos.

No processo de desenvolvimento de autoconfiança, passei a valorizar com minha atenção os obstáculos que surgem pelo caminho, pois eles iluminam as

¹⁰ O termo espontaneísta se opõe a ação espontânea, pois está relacionado a uma ação automática ou impulsiva, que é submissa às necessidades vitais e ao hábito repetitivo como manutenção de conservas (NAFFAH NETO, 1979).

expectativas sombrias que não quero repetir.

Assim, minha “Maldade” entrou de fato em crise e isto estava me deixando mais em paz. Tive então o desejo de proporcionar às pessoas uma vivência objetivando um olhar para o mundo interior, mesmo sabendo da dificuldade do momento social/político do mundo exterior, com o advento das eleições de 2018.

O processo de construção desta vivência foi marcado por inúmeras contrariedades e assertividades. Passo agora a relatar com maior presença, pois foi o sofrimento (no duplo sentido desta palavra) de muita transformação, com respostas novas a situações antigas.

9.2.1. A Construção do Axiograma

Logo no início deste processo, constatei que até então todos do grupo estavam escolhendo as datas de suas respectivas vivências, mas a data da minha foi inicialmente sugerida de forma que eu não tinha outra escolha. Fiquei na dúvida sobre a verdade do meu Ser neste momento. Era resistência pela insegurança em realizar minha proposta naquele período trevoso das eleições? - (um problema de mundo exterior) ou, era minha necessidade de agir do meu modo? - (um problema com foco no mundo interior). Abri mão da minha necessidade de controle e escolhi fazer a vivência agendada, visto que posteriormente me foi concedida a liberdade de não fazer naquela data.

Uma sensação que também me constrangia era de que a minha presença contrariava uma corrente de força polarizada do grupo. Tratava-se de um movimento político do qual eu realmente não consegui pertencer e tampouco me calar na minha emoção positiva que eu vivia de esperança e fé na vida.

Considerando este contexto grupal hora silencioso, hora dirigido a mim de maneira hostil, tive a oportunidade de iniciar o processo de construção da minha vivência no palco, clareando dramaticamente as dificuldades (resistências, insegurança sobre o novo) e potencialidades (poder, vontade de criação), para assim, me legitimar como capaz de dirigir uma proposta sobre os valores humanos. Os valores comumente são tratados de maneira conservada, reducionista e dicotômica como se só existissem dois lados: o bem e o mal ou o certo e o errado.

Outra intercorrência importante foi que no segundo dia da preparação da minha vivência a nossa diretora, que sempre exerceu em mim inspiração e

confiança, não estava presente. Como substituta na direção, assumiu a ego-auxiliar Angélica. Na ocasião foi uma ajuda muito importante, contando sua experiência de já ter participado de um Axiograma, ela acolheu a minha ideia. Neste dia, eu estava muito entusiasmada com artigos estudados e possibilidades de condução do Axiograma usando a personificação dos valores descrita por Blatner (2008).

Na semana seguinte, já na presença da diretora, continuamos a construção e foi muito doloroso perceber o meu desejo de usar os recursos do jogo dramático ou do teatro espontâneo, não acolhido. A princípio, senti como se houvesse dúvidas sobre a minha capacidade, embora a justificativa foi na realidade concreta, a dificuldade de conduzir a criação de personagens espontâneos, ficando o resultado muito preso ao nível de espontaneidade produzida na plateia. Foi como se tivesse cortado as minhas asas naquele momento.

Ficou estabelecido que seria melhor que a dramatização ocorresse após divisão do grupo em subgrupos, assim como os sociodramas conduzidos até então nesta etapa da nossa formação.

A consciência da minha necessidade de aceitação pela diretora, interferiu positivamente neste processo e me fez flexibilizar na estruturação, mas sem desviar o meu foco na proposta. Muitas reflexões foram suscitadas intimamente a respeito da prudência sem o prejuízo da espontaneidade/criatividade, sem desconsiderar que a segurança na experiência de modelos já vividos pode nos impedir de viver o novo. Recorri também a teoria moreniana sobre as fases de desenvolvimento de um novo papel (Role-taking, Role-playing e Role-creating)¹¹ de acordo com o grau de liberdade e espontaneidade. Compreendi que naquele momento, a vivência requeria do aprendiz desta fase da formação, uma criação dentro do Role-taking, adentrando o Role-playing.

Refletindo sobre o desenvolvimento do papel de psicodramatista, podemos visualizar nas fases deste processo variadas indagações éticas da *práxis*:

¹¹ Na proposta Moreniana, o desenvolvimento de todo papel apresenta três graus de liberdade quanto à espontaneidade: Role taking (a adoção ou tomada do papel acabado e plenamente estabelecido, o qual não permiti variação alguma ao indivíduo, grau nenhum de liberdade); o Role playing (o jogo do papel ou representação do papel, que permite um certo grau de liberdade); e o Role creating (a criação do papel, que permite um alto grau de liberdade, como por exemplo o ator espontâneo). Quanto maior for o grau de espontaneidade-criadora, mais desenvolvido estará o papel (MORENO, 2013).

Fase do role-taking	Como eu desempenho este papel conforme a expectativa da sociedade que o elaborou e conceituou? Como minha escola de formação me transmite o que seja psicodrama?
Fase do role-playing	Como eu desempenho este papel conforme o aprendido em razão da minha personalidade? Como eu entendo, elaboro e incorporo meus conhecimentos de psicodrama (teórico e prático) de forma peculiar, do meu jeito?
Fase do role-creating	Como eu desempenho este papel criado como minha espontaneidade e criatividade? Como crio, recrio e amplio esses conhecimentos?

Fonte: (ALMEIDA, 2002)

Assim, pude finalmente reconhecer o cuidado dispensado a mim, como uma atitude prudente necessária no caso. Entretanto, a postergação da possibilidade de maior criatividade me fez entrar em contato com minha interioridade e sentir para além das curiosas indagações do pensamento para perceber de maneira intuitiva, que eu já estava em um processo de construção de mais um novo papel de atuação no campo social, só me faltava o início da ação para que as ideias tomassem concretude e forma, através da experiência no momento.

Durante este processo de construção da vivência, pude acessar dentro de mim com coragem, a verdadeira confiança (autoconfiança), bem como a fé de que seria responsável apenas pela minha parte na co-construção, flexibilizando minha necessidade de controle. Este foi meu espírito no papel de conduzir a vivência axiodramática enquanto uma tarefa da formação profissional, bem como ao iniciar a exploração da fase de Role-playing com a criação e direção de um novo grupo de Axiodrama na comunidade, cujo desempenho do papel pode ser continuado¹², dentro de um contexto social ou comunitário.

9.2.2. Vivência Axiodramática “A maldade em crise”

Casa do Encontro, 20/10/2018. Durante o café da manhã a música já preparava nosso ambiente. Chegada a hora marcada, nos acomodamos sentados, nossa diretora apresentou a Casa do Encontro, a formação em psicodrama, a ocasião de todos dirigir um encontro, estreando neste novo papel. Apresentou a unidade funcional e a proposta deste dia - um Axiodrama.

¹² Até a data da conclusão deste trabalho em 28/06/2019, foram realizados o total de 12 encontros semanais.

➤ **Etapa 1 - Apresentação da unidade funcional (diretor e ego):**

Iniciamos nosso encontro com os 10 participantes inscritos. Me apresentei ao grupo (nome, formação e papel profissional) com um sentimento de gratidão por poder elaborar o significado do Psicodrama na minha vida - uma proposta de ação no mundo, cuja a filosofia vem ao encontro do que essencialmente eu busco e acredito, somos co-criadores, responsáveis pela própria ação na vida, somos agentes da transformação do mundo!!!

Em seguida falei sobre o Axiodrama - uma vivência focada nos valores humanos universais, para além das conservas culturais, muitas vezes repetidos sem reflexão. Trata-se de uma oportunidade de trabalhar a conscientização dos valores e desvalores que nos guiam, que influenciam nossos pensamentos, sentimentos, nossas escolhas e atitudes. Para tanto, o grupo conta com os elementos (diretor, ego auxiliar, plateia e o palco - um espaço sagrado de possível encontro com nossa verdade interior), visando desenvolver variadas técnicas em cada etapa do processo vivencial. Pedi para a ego-auxiliar se apresentar. Ela falou seu nome, formação e papel profissional, expressando sua gratidão por estar no papel de ego-auxiliar. Ela me lembrou do contrato de sigilo e eu fiz o combinado para que cuidássemos dos acontecimentos com respeito, como cada um gostaria de ver a sua intimidade preservada.

➤ **Etapa 2 - Apresentação do grupo / quebra gelo:**

Através do jogo "*Coro de nomes*", cada participante apresentou seu nome de forma peculiar (entonação com movimento e expressão) e o grupo foi convidado a imitar, um a um, com o objetivo de fixar os nomes de todos os 10 participantes da plateia: Marilene (Mari), Isabela, Elisa (Elí), Laís, Maria, M-a-r-i-a, Ane, Tiago, Luciana (Luci) e Líria.

➤ **Etapa 3 - Aquecimento inespecífico:**

Como aquecimento inespecífico foi proposta a brincadeira: "*Segue o mestre - trenzinho das emoções*". Pedi para que formassem 2 trenzinhos de 5 pessoas cada. Quem estava na frente puxa os vagões externalizando corporalmente o que a música evoca em si e quem vinha atrás seguia imitando. A cada troca de música, cada trenzinho troca o seu condutor até que todos ocupem este papel. As músicas percorreram diferentes emoções (ansiedade/medo/culpa, tristeza, raiva,

alegria, alegria, raiva). Foi muito eficaz o aquecimento.

➤ **Etapa 4 - Aquecimento específico:**

Na sequência foram convidados para a brincadeira da maldade: interagir uns com os outros de forma maldosa ao som da dramática música "Believe".

Continuando o aquecimento específico, a música *"Me curar de mim"* (Flayra) foi usada para conduzir uma caminhada livre, buscando acessar uma cena de maldade vivida. Após acessar essa tocante maldade, cada um expressou sua cena numa escultura e fez um solilóquio dando nome a esta maldade ("Minha maldade se chama: Anônima, Casa antiga, Quero matar veado, Caixinha de música, etc."). Na sequência formaram duplas para conversar sobre essa tal "maldade vivida". As 5 duplas nomearam seu diálogo (injustiça, ódio gratuito, egoísmo, abandono, "o outro é sempre melhor"). Ao ser solicitado que as duplas se aproximassem de outras de acordo com tema, elas se juntaram, formando 2 subgrupos: (abandono + egoísmo) e (injustiça + ódio gratuito + "o outro é sempre melhor"). Conversaram e depois ambos os subgrupos criaram uma cena.

➤ **Etapa 5 - Dramatização:**

Iniciamos com a Dramatização do grupo maior que tinha 3 agressores e 3 vítimas. Comecei investigando a primeira parte da cena (Luci-Laís), um caso de homofobia, intolerância que não permitia ao outro ser ele mesmo... O agressor desejava a morte da "aberração" pois era um mal exemplo. Depois de inverter os papéis e posteriormente "destrocar", o agressor (Laís) se juntou a vítima. Sim, a Laís preferiu ser também vítima do que "agente". Num movimento de união, as vítimas convidaram mais pessoas a se juntar a elas... foram todos exceto 2 participantes - Elisa e Mari. O Tiago quis falar com o agressor, então a ego-auxiliar fez este papel. Enérgico e rispidamente ele falou para o intolerante: - *"Rala peito, cai fora, o que está fazendo aqui ainda? Sai daqui!"*. Ele escolheu não conviver com alguém tão intolerante. O agressor continuou ali de pé, e então, o Tiago recolheu seus aliados e os levou de mãos dadas para distante... Quando entrevistado neste lugar, definiu como um lugar de paz, protegido e aconchegante, onde existe amor, confiança, aceitação e união. Este lugar longe do embate transformou o sentimento reativo de raiva em uma natural consciência de autopreservação e aceitação da existência da

maldade ignorante. Na investigação da sua relação com o agressor agora numa atmosfera mais tranquila e paciente, ele afirmou que tudo bem ele ainda ser assim, que um dia ele até poderia se aproximar, mas que para adentrar aquela atmosfera de amor ele teria que trilhar um longo caminho... A partir deste momento as demais cenas que eram semelhantes já se sentiram trabalhadas e rematizadas. Para a minha surpresa, inclusive o segundo grupo (egoísmo/abandono) se deu por satisfeito. Investigando sobre o estado das duas participantes que ficaram na plateia, percebi que uma estava bem. Entretanto, a outra participante ficou muito mobilizada. Eu sentei ao lado dela e consegui que ela me falasse o que estava acontecendo: estava se sentindo muito mal por estar mentindo para o seu filho sobre a sua própria infância (colorindo o que não tinha cor) para poupá-lo de mais dor. Convidei-a para investigar melhor no palco e ela aceitou ir até onde poderia dar conta. Elisa construiu uma realidade suplementar como cenário de encontro com seu filho adotivo (Igor) e se sentou com ele (Tiago-Mari) debaixo da mesa de casa para ter uma conversa séria. Ela falou que o amava muito e gostaria que ele sempre pudesse confiar e contar com ela, por isso queria explicar que andava "colorindo" seu passado para evitar histórias tristes, de violência, pois ele já tinha as próprias cenas de maldade para "limpar" e conseguir ser feliz... Igor disse que ela era a melhor mãe do mundo, que a amava muito e a convidou para brincar, viver hoje a alegria de ter um lar, uma família. Mari fez um duplo/espelho de Elisa e repetindo a cena com o filho, pediu perdão por estar mentindo, mas que só queria ver o bem dele. Neste momento ela saiu da cena e rememorou com muita compaixão todo o processo da adoção, a primeira visita que não teve mais fim, as condições físicas e emocionais da criança com uma lista de 150 itens a serem observados. Rememorou também seu despreparo de recursos materiais (bolacha, roupa) e sociais (marido) para acolher o menino, mas seu coração não tinha dúvida, o amor já era imenso. Isabela também quis dar voz à mãe sozinha, que luta muito na responsabilidade "de dar conta" de cuidar de uma vida, mas que tudo é possível com muito amor. Ao voltar na presença do filho Igor ela teve uma visão positiva, disse que tem uma luta para "limpar", mas que ela está vendo muitos avanços no filho, se sentindo mais esperançosa e reconhecendo a importância de ser um exemplo de vida colorida junto dele.

Eu acolhi sua fala dizendo que ela está curando suas feridas do passado ao cuidar das feridas do Igor no presente, construindo um lar amoroso para

ele. Esta intervenção utilizando o palco, se mostrou eficaz como uma forma de acolhimento e empoderamento, visto que a participante teve um resgate de relação de interioridade, conseguiu olhar por outro ângulo e teve seu estado emocional aliviado.

➤ **Etapa 6 - Compartilhar:**

O compartilhar do grupo começou pelo Tiago expressando a importância de ter feito o papel de Igor, a criança adotada por Elisa. A partir deste papel ele pode refletir sobre sua relação afetiva com sua mãe. Ele disse que chegou muito aquecido na vivência, sentindo que teria um protagonismo importante e que foi muito bom conseguir sair do sentimento de impotência no confronto com a intolerância.

A Elí e a Laís se posicionaram de forma semelhante, sentiram gratidão por terem participado, que o vivido no grupo continuaria reverberando internamente de forma produtiva e elucidativa.

A Mari e a Isabela foram por mim convidadas e nunca haviam participado de uma proposta grupal psicodramática. Mari compartilhou com o grupo que também adotou uma criança especial (paralisia cerebral) e como tem sido cuidar dela sendo suas pernas, sua voz... ficou impressionada com o convite, pois fez muito sentido para ela estar ali. Já Isabela falou que pela primeira vez foi viver uma experiência desconhecida sem pesquisar informações a respeito, experimentando confiante e aberta, se libertando um pouco mais do seu sofrimento pela necessidade de controle.

A Tânia contou que rememorou a "maldade" inocente da Tânia criança que colocou o pé na frente (para derrubar) de um menino da escola que chamava ela de chorona. Ele caiu e quebrou a perna deixando a vida dela com uma marca inesquecível na história. Líria e Maria também tiveram sentimentos de gratidão pela vivência de grupo, enfatizando a força do coletivo. A Elisa agradeceu ao grupo pelo apoio no passo dado naquele momento com seu filho e disse que era o início de um longo trabalho pessoal. A Luci, que foi uma das participantes do movimento coletivo que o Tiago foi porta-voz, disse que estava tudo bem. Demonstrando estar contrariada, ela não quis falar mais neste momento. Durante a sessão de processamento da vivência esta contrariedade ficou mais evidente quando ela se posicionou dizendo que não estava bem, que continuava mal. Ela pode dramatizar

uma cena de intolerância sofrida em sua família, tendo a sua particular oportunidade de descristalização do papel de vítima de rejeição.

O compartilhar terminou com Ane relatando que ficou muito "mexida" com a vivência, mas que entendia que estava vivendo um processo profundo. Finalizei o compartilhar falando ao grupo da gratidão por tudo que vivemos naquele grupo e da confiança que sinto de que no mundo lá fora existem outras pessoas, outros grupos movidos pelo exercício de todos valores humanos que nos tornam "gente". Disse também que tenho muita esperança deste nosso mundo em breve se transformar num mundo de mais paz, pois somos co-criadores da realidade que vivemos, somos capazes de agir cada vez mais conscientes, construindo o mundo que queremos viver, mesmo imersos nas diversas situações que nos convidam a reagir de maneira conservada.

➤ **Etapas 7 - Encerramento: Trem Bala Forró**

Encerramos com a alegria de uma ciranda com a música: "Trem bala" que fala das coisas essenciais da vida, vibrando a gratidão de ter vivido mais um Encontro.

9.2.3. Análise da Vivência Axiodramática

O processamento sobre o evento psicodramático teve como finalidade buscar compreender mais profundamente os fatos da vivência utilizando os instrumentos conceituais do Psicodrama. Este procedimento foi iniciado após a sessão, numa primeira etapa, com um relatório factual descrevendo a sequência dos acontecimentos para uma compreensão inicial a ser apresentada ao grupo de formação (quadro dias após a vivência). Esta apresentação visava explorar a vivência como uma forma de desenvolvimento profissional, na qual o grupo contribuiria na construção coletiva de conhecimentos. Entretanto, um verdadeiro encontro de grupo com estrutura psicodramática, privilegia os momentos espontâneos com suas respectivas demandas e conflitos. Uma das participantes da formação trouxe percepções relacionadas ao desenvolvimento de um falso protagonismo na segunda dramatização, como se o drama não tivesse atingido sua total profundidade. Por outro lado, levantaram a possibilidade de maior exploração do drama de outra colega da formação em seu papel de vítima da maldade do mundo. Diante do compartilhar da mesma, a diretora do nosso grupo passou a

investigar dramaticamente a cena de maldade na qual ela sofria por estar sem ação e pode desvelar a própria atuação no seu problema pessoal, exatamente como o participante que protagonizou a primeira dramatização da vivência havia desempenhado.

Esta ocorrência impediu as variadas reflexões com o grupo, sendo necessário o encontro com nossa diretora especialmente para tratar do processamento da vivência de modo a clarear o ocorrido, contextualizando-o no conflito sociométrico do grupo. Deste modo, apesar da investigação das experiências percebidas subjetivamente pela imersão do pesquisador, a diretora do grupo de formação se fez ego-auxiliar nesse processo, visando a compreensão dos acontecimentos afastada do subjetivismo.

Foi observado que as duas visões tiveram seu espaço de protagonismo. A visão da maldade interior foi acessada de maneira ativa e corajosa por metade do grupo (egoísmo, baixa autoestima, insegurança, mentira/ilusão, autocoerção), enquanto a visão da maldade exterior foi observada pela outra metade (abandono, intolerância, injustiça, agressão, abandono), representando uma cristalização no papel de vítima e constituindo uma resistência ao processo de enfrentamento da maldade interior – a vitimização. Entretanto, esta cristalização pode ser transformada quando uma das vítimas da cena (‘o outro é sempre melhor’), deixou de ser passiva e se defendeu do agressor, encontrando recursos para se manter protegido e livre. De fato, este participante assumiu neste Axiodrama uma ação transformadora na cena em que predominava uma cristalização¹³ do papel da vítima de uma sociedade intolerante, preconceituosa, homofóbica, cruel e desumana... Ao se sentir apoiado pela grande maioria do grupo (7 participantes), ele escolheu agir energeticamente em defesa da própria dignidade, levando a uma nova postura de enfrentamento todos que estavam como ele neste papel de vítima.

Já a protagonista da maldade interior teve sua cena trabalhada no sentido de alcançar um olhar e uma atitude transformada frente à questão: deixar de colorir o passado (mentira/ilusão) para colorir a vida presente, construindo um lar de amor e alegria.

Apesar do grupo ficar dividido entre as duas visões de maldade vivida

¹³ Cristalização: final de todas as situações em que o indivíduo desenvolveu um modo de realizar operações específicas de um papel (GONÇALVES et al, 1988).

(maldade sofrida / maldade praticada), foi para mim a oportunidade de vivenciar e aceitar que no Psicodrama o diretor conduz, mas o resultado é do grupo, com responsabilidade de cada um.

Continuando a busca de compreensão para além dos fatos, foi lançado mão de critérios qualitativos para estabelecer e explorar um eixo na leitura dos fatos: a atuação do diretor (instruções, emprego de recursos e técnicas, comentários, entrevistas com os personagens...). Para Aguiar e Tassinari (1999, p. 117) o papel do diretor é intervir a cada momento para *“garantir a consecução dos objetivos do grupo e, em particular, do evento em questão, e esta trajetória pode constituir um eixo para a compreensão de tudo que aconteceu”*.

Mezher (2002), coloca o conhecimento histórico e atual do quadro de valores ético-culturais como requisito para a direção de um axiodrama e destaca que outro ponto essencial para realização de um axiodrama é a criação de campos axiológicos, mantendo-se neles ao longo do trabalho.

Avaliando as estratégias de apresentação do Axiodrama como proposta que seria desenvolvida com foco nos valores humanos universais que influenciam nossos pensamentos, sentimentos, escolhas e atitudes (nossas ações e não ações), bem como a minha apresentação como diretora da vivência, elaborando e transmitindo a minha verdade interior ao grupo, sobre o valor do Psicodrama na minha vida, como uma forma responsável de agir no mundo: *“Somos co-criadores, responsáveis pela própria ação na vida, somos agente de transformação do mundo!”*, foi possível constatar que este momento teve importante introdução sobre os norteadores da vivência. Pude constatar e afirmar que descobri na ética psicodramática um encontro com o que essencialmente busco e acredito e que constituiu o eixo central da vivência.

O exercício de colocar “a maldade em crise”, representou uma estratégia de fazer balançar os valores conservados de forma rígida e repetidos sem reflexão, buscando uma ação criativa sobre o mundo.

Após a apresentação do grupo como estratégia de “quebrar o gelo”, o aquecimento inespecífico do grupo se fez muito satisfatório, produzindo um relaxamento das tensões, sinergia grupal na execução da tarefa, como uma forma alegre de colocar as emoções em ação no corpo.

O aquecimento específico visava um olhar para o mundo interior,

iniciando o processo de preparação para a aproximação e ingresso em campo axiológico de maneira subjetiva e conseqüentemente mais protegida. A condução ao acesso íntimo de qualquer espécie de maldade praticada na relação com outros seres ou em relação a si mesmo se deu através da música “Me curar de mim”. Neste ponto, a direção pautada na liberdade de acesso a uma cena de maldade vivida, produziu variadas estátuas representantes da encarnação de personagens, que foram em seguida nomeadas (“minha maldade se chama...”), e culminaram posteriormente em desvalores próprios (olhar de auto responsabilidade) ou desvalores do outro (olhar de vítima de um outro).

Avaliando tecnicamente, enquanto diretora de um axiodrama, o campo axiodramático focalizado na primeira dramatização (coletiva), podemos constatar que a liberdade permitida nesta fase de aquecimento delineou espontaneamente: o valor do **empoderamento**, com a coragem de olhar e enfrentar a própria sombra para criar uma ação de transformação e o desvalor da **vitimização**, cuja a resistência em agir ocasiona a cristalização do poder de recriação de si mesmo.

Conforme Moreno (2013) ressalta, a revolução criadora almejada trata-se de uma guerra contra a acomodação que reproduz repostas conservadas, é uma guerra dentro de cada ser, como uma obra do seu próprio livre arbítrio.

O homem toma consciência e amplia o seu poder de ação, a medida que desenvolve a sua liberdade de ação e espontaneidade, que se torna responsável por suas escolhas, enfim, que se assume como um agente co-criador das experiências vividas e se realiza pelas escolhas éticas de cada dia.

A encenação do ‘poderoso intolerante’ contra a ‘vítima de homofobia’, representaram a oposição de papéis cristalizados de forma radical e altamente resistente. A liberdade dada a cada um de incorporar o papel que desejasse naquele momento, levaram todos a adotar o papel de vítima, formando um coletivo que proporcionou o surgimento de uma força que desenvolveu inusitado valor de empoderamento para uma ação espontânea de defesa, autopreservação e liberdade, cujos valores denotaram evolução/desenvolvimento/crescimento. Por outro lado, o ‘poderoso intolerante’ não obteve transformação no seu papel radical, entretanto houve uma transformação do olhar dos participantes sobre ele, de modo que o poderoso perdeu sua força e se desvelou a todos como ignorância, deficiência e atraso.

Nesta cena, podemos refletir sobre uma outra possibilidade na direção da encarnação da maldade limitando-a a uma atitude própria, conforme a música ressaltava em primeira pessoa: *“Eu sou a maldade em crise, tendo que reconhecer as fraquezas de lado que nem todo mundo vê. Fiz em mim uma faxina e encontrei no meu umbigo o meu próprio inimigo que adoece na rotina. Eu quero me curar de mim...”*. A vivência poderia desenvolver um outro percurso e outro resultado com o trabalho aprofundado de outros desvalores e valores que se fizessem mais marcantes no grupo.

Mantendo o enfoque neste mesmo campo axiológico (empoderamento/vitimização), ao avaliar a segunda dramatização (caso individual), também percebemos a presença destes mesmos valores e desvalores em determinados pontos da encenação: primeiramente o desvalor da vitimização impedia a compreensão que as experiências de violência sofrida durante a infância, cristalizadas de forma traumática, apareciam na relação com seu filho adotivo (também vitimado por agressões no antigo lar) na forma de negação. Através da mentira contada sobre a sua infância a protagonista buscava mascarar seu passado, se utilizando de uma falsa alegria na tentativa de construir um lar sadio no presente. Após trabalhar a cena, ela teve seu estado emocional aliviado, parece ter superado o desespero de pensar que seu filho não seria capaz de superar as maldades sofridas, visto que ela mesma ainda lutava para “limpar” as marcas traumáticas da sua vida. Avaliamos que neste segundo momento, ela passou a ter esperança de ‘curar suas feridas’, reconhecendo a sua responsabilidade e o seu poder (empoderamento) de ser exemplo vivo de superação para seu filho, podendo viver uma vida colorida de alegria autêntica. Assim, ela rematizou o seu papel de mãe, se reconhecendo como capaz de construir um lar amoroso e alegre, tão desejado.

Durante o compartilhar, apenas uma participante se manteve resistente à transformação, todos os demais manifestaram a importância do vivido, com sentimentos de gratidão, de reconhecimento de um sentido para a escolha de participar, de compreensão de questões na relação mãe-filho, de sensação de mobilização de conflitos profundos, entretanto o compartilhamento pouco esclareceu sobre a repercussão pessoal na dimensão axiológica dos participantes. Este fato é apontado por Mezher (2002), como um acontecimento típico do axiodrama, considerando que a transformação axiodramática se dá pela abertura objetiva do

“leque” de possibilidades de escolhas, pela mudança de valor na concretude da dramatização.

Expressando o sentimento de gratidão pelo vivido no grupo no papel de diretora, foi produzido o desaquecimento gradual do grupo até o regresso ao contexto social. O encerramento da vivência se deu com alguns esclarecimentos sobre a importância de sermos co-criadores da realidade que vivemos, de agir com consciência e responsabilidade na construção do mundo que queremos viver, mesmo imersos nas diversas situações que nos convidam a reagir de maneira conservada. Refletindo sobre esta fala conclusiva da vivência ficou evidente a consciência dos campos axiológicos enfocados e trabalhados de modo a aprimorar a postura ética diante da vida.

A partir da busca de definições e práticas de Axiodrama, podemos repensá-las a partir da vivência realizada. O Axiodrama enquanto método da vivência se mostrou eficaz em produzir experiências coletivas de âmbito sociodramático (foco socioeducacional), bem como revelar a experiência de um eu privado, situando o método como uma possibilidade de intervenção também psicodramática (foco psicoterápico). Consideramos esta constatação relevante para destacar o axiodrama como uma categoria: *“O axiodrama como método sociátrico”*, e não o classificar apenas como um tipo de sociodrama.

9.3. ETAPA DE PRORROGAÇÃO DA FORMAÇÃO DE PSICODRAMA

Nossa formação em psicodrama nível 1 se iniciou no mês de maio de 2016 com duração prevista de 3 anos. Cumprimos no decorrer deste período todas as atividades do conteúdo programático. Meu último processamento de encontro foi o do dia 13/03/2019, tendo sido apresentado o resultado da última vivência da fase prática de direção. Neste ponto foi possível alcançar um novo olhar sobre o grupo, bem como sobre eu mesma. Foi um mês de intensa reflexão, processamento, elaboração e início de despedidas deste nível e de algumas pessoas que possivelmente não continuariam o próximo nível da formação.

Ao olhar para trajetória vivida pelo grupo, concordo com a colega que escreveu: *“o grupo nasceu com pessoas de verdade desde o início. Pessoas com medo, pessoas confusas, pessoas cansadas, pessoas indecisas, pessoas silenciosas, pessoas corajosas em revelar sua maldade, o seu peso, as suas*

incompatibilidades”, vivemos bons momentos (alegrias, afetividades, criações, conquistas, superações, encontros, celebrações...) e também momentos tensos, com dificuldades de encontrar caminhos conciliadores (desafios, tensões, dores, confrontos, vazios, tristezas, separações, incertezas, conflitos, perdas...), enfim, todos os sentimentos autênticos tiveram seu protagonismo, forjando no decorrer de todo o desbravar do desconhecido (com seus altos e baixos) um grupo amoroso, forte e resiliente. Na reta final deste percurso, no último mês da formação, iniciamos a ênfase no processo de escrita do trabalho de conclusão. Reconhecemos neste momento a importância de recolher as pérolas produzidas ao longo de todo caminho e decidimos que precisávamos de mais tempo para uma melhor contemplação e celebração. Assim, o grupo criou seu cronograma exclusivo, estendendo 2 meses a sua convivência, as reflexões teóricas e práticas, deixando tempo suficiente para viver também Encontros festivos de confraternização, bem como a organização da 1ª Jornada de Apresentação de Trabalhos de Conclusão da Casa do Encontro. Esta fase representou uma valorização do grupo por parte de todos, ao mesmo tempo que alcançamos enquanto grupo, a valorização de cada um.

CONCLUSÃO

Aprender a conviver em grupos talvez seja uma das maiores questões do novo milênio e a promoção e condução profissional de grupos continua sendo um grande desafio, exigindo flexibilidade para mudanças, papel ativo como agente transformador da realidade social, abertura a novos saberes, num exercício constante da ética e da busca da autonomia dos sujeitos.

Considerando o Psicodrama como uma possibilidade de produção de um espaço privilegiado para transformações, com a recriação de si mesmo e do mundo, situamos a importância do desenvolvimento do papel de psicodramatista, estando diretamente relacionado ao empoderamento do seu Ser como agente co-criador. Reconhecemos ainda, a importância do enfoque deste trabalho na assunção do papel de psicodramatista, engendrado como um fenômeno de resgate de espontaneidade e criatividade, durante o processo de construção de conhecimentos do aprendiz, bem como de reconstrução do Ser na relação de grupo vivencial.

Durante o processamento do Axiodrama, foi importante a reflexão sobre como a experiência de construir e conduzir uma vivência grupal representou o exercício de uma ética, com a transformação de uma postura de vitimização para uma responsabilização e empoderamento diante de contextos grupais. Este fechamento de um processo conflitivo foi viabilizado pela descristalização do desempenho de um papel (reativo / passivo) que adoecia a convivência nos grupos.

Tendo aprendido que o resultado individual de qualquer experiência grupal é diretamente dirigido e alcançado ativamente por cada um, compreendi as incompreensões, minhas e alheias. Ao abandonar a patológica complementação de papel com o grupo (um eu ideal para um grupo ideal) alcancei um resgate da minha espontaneidade e pude preencher com uma voz mais madura os meus profundos silêncios, minhas percepções negadas e celebrar a conclusão de mais uma etapa desta *“Abençoada Jornada”*.

A minha assunção do papel de psicodramatista representa para mim o desenvolvimento do Ser como agente co-criador. Sou aprendiz de psicodrama passando para uma nova etapa da formação, sou um Ser peregrino em constante recriação. Sou psicodramatista profissional na área clínica bi pessoal, sou psicodramatista voluntária conduzindo um grupo de Axiodrama comunitário, sou psicodramatista no palco vida.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, M.; TASSINARI, M. (1999) **O processamento em psicodrama**. In ALMEIDA, W. C. (Org.) Grupos: a proposta do psicodrama. 2. Ed. São Paulo: Ágora.
- ALMEIDA, W. C. **Rodapés psicodramáticos**. Subsídios para ampliar a leitura de J. L. Moreno. São Paulo: Ágora, 2012.
- _____. **Moreno: Encontro existencial com as psicoterapias**. São Paulo: Ágora, 1991.
- _____. (2002). **Três éticas no pensamento e na ação de J. L. Moreno**. In: CESARINO, A. C. et al. A ética nos grupos: Contribuição do psicodrama. São Paulo: Ágora.
- BLATNER, A. (2008). **Axiodrama**. Disponível em: <http://www.blatner.com/adam/pdntbk/Axiodrama.html>. Acesso em: 15 mai. 2019.
- CESARINO, A. C. et al. **A ética nos grupos**: Contribuição do psicodrama. São Paulo: Ágora, 2002.
- COMPARINI, A. C. F. et al. O jogo dramático com mulheres de uma comunidade: revelando potências de desenvolvimento humano e social. **Revista Brasileira de Psicodrama**, São Paulo, v. 23, n. 2, 32-41, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932015000200005. Acesso em: 12 jun. 2019.
- FONSECA FILHO, J. S. **Psicodrama da loucura**: Correlações entre Buber e Moreno. São Paulo: Ágora, 1980.
- FONSECA, A. H. L. **Grupo - fugacidade, ritmo e forma**: Processo de grupo e facilitação na psicologia humanista. São Paulo: Agora, 1988.
- GONÇALVES, C. S.; WOLFF, J. R.; ALMEIDA, W. C. **Lições de Psicodrama**: Introdução aos pensamentos de J. L. Moreno, São Paulo: Ágora, 1988.
- GUATTARI, F. & ROLNIK, S. **Micropolítica**: Cartografias do Desejo. 7. ed. Revisada. Petrópolis: Vozes, 2005.

RODRIGUES, R. (2008) **Intervenções sociopsicodramáticas: atualização e sistematização de recursos, métodos e técnicas.** In: MARRA, M. M.; FLEURY, H. J. (Orgs.) **Intervenção socioeducativa e método sociopsicodramático.** São Paulo: Ágora.

MARINEAU, R. F. **Jacob Levy Moreno: 1889-1974.** São Paulo: Ágora, 1992.

MEZHER, A. (2002). **Abordagem dos valores Ético-culturais pelo Axiodrama.** In: CESARINO, A. C. et al. **A ética nos grupos: Contribuição do psicodrama.** São Paulo: Ágora.

MORENO, J. L. **As Palavras do Pai.** Trad. Dr. José Carlos Landini e José Carlos Vitor Gomes. Campinas: Editorial Psy, 1992 a.

_____. **Quem sobreviverá? Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de Grupo e Sociodrama.** Trad. Denise Lopes Rodrigues e Márcia Amaral Kafuri. Goiânia: Dimensão, 1992 b.

_____. **O Teatro da Espontaneidade.** Trad. Moisés Aguiar. São Paulo: Ágora, 2012.

_____. **Psicoterapia de grupo e psicodramas.** Trad. A. C. Cesarino Filho. São Paulo: Mestre Jou, 1974.

_____. **Psicodrama.** Trad. Álvaro Cabral. 15. ed. São Paulo: Cutrix, 2013.

MORENO, J. L.; MORENO, Z. T. **Psicodrama: Terapia de ação & princípios da prática.** Trad. José de Souza e Mello Werneck. São Paulo: Daimom, 2006.

MORIN, E. **Os sete Saberes Necessários à Educação do Futuro.** 3. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2001.

NAFFAH NETO, A. **Psicodrama.** Descolonizando o imaginário. Um ensaio sobre J. L. Moreno. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979.

NERY, M. P. **Vínculo e afetividade: Caminhos das relações humanas.** São Paulo: Ágora, 2003.

OSÓRIO, L. C. **Grupoterapias: Abordagens atuais.** Porto Alegre: Artmed, 2007.

RAMALHO, C. M. R. **Psicodrama e Dinâmica de Grupo**. São Paulo: Iglu, 2011.

SANTOS, A. **Dialética sob a ótica do pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SOUZA, A. C.; DRUMMOND, J. R. Axiodrama nas organizações. **Revista Brasileira de Psicodrama**. São Paulo, vol. 25, jun. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15329/2318-0498.20170010>. Acesso em: 05 jun. de 2019.

YOZO, R. I. K. **100 jogos para grupos: Uma abordagem psicodramática para empresas, escolas e clínicas**. 18. ed. São Paulo: Ágora, 1996.